

Janeiro  
Fevereiro  
Março  
2012

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

*Culturgest*

# PROGRAMAÇÃO JAN-MAR 2012

# Janeiro Fevereiro Março 2012

A urgência e complexidade dos problemas que todos os dias vivemos, individual e coletivamente, e a dificuldade patente em se encontrar uma solução que nos dê esperança no imediato, conduzem-nos a uma visão focada na árvore que se esquece da floresta, do enquadramento geral em que os problemas nasceram e se desenvolvem. Perdemos amplidão na análise e lucidez na reflexão.

Nos ciclos de conferências que organizamos neste início do ano, a que se acrescentará mais um em abril, procura-se ganhar alguma distância sobre o presente e focarmo-nos nalguns dos principais conflitos que atravessam o nosso tempo e que embora o influenciem decisivamente não têm merecido a atenção devida. Procuramos contribuir para melhor podermos compreender o que se passa e encontrar caminhos, escondidos ou esquecidos, que possam ajudar a solucionar o que tantas vezes parece sem solução.

No primeiro ciclo ensaia-se uma possível explicação sobre a origem e a caracterização dos grandes conflitos mundiais deste novo século e desenvolve-se um exercício prospetivo de possíveis evoluções. Não se trata de prever o futuro, tarefa irrealizável para o humano (embora desde sempre procure esse prodigioso desígnio), mas de nos ajudar a pensar sobre ele, entendendo melhor o presente.

No segundo ciclo falar-se-á de energia, uma questão decisiva no presente e no futuro, com consequências e amplitudes de que muitas vezes não nos apercebemos, apesar de estarem a moldar o nosso quotidiano e as relações geoestratégicas.

O terceiro ciclo tem o título porventura mais intrigante: *Geografia e pensamento contraintuitivo*. Quando Copérnico, no século XVI, defendeu que a Terra gira à volta do Sol, fez uma afirmação que vai contra o senso comum. O que vemos com os nossos olhos todos os dias é o Sol a nascer de um lado, a atravessar o céu e a pôr-se no outro lado. Num período de transição tão profunda, as velhas certezas têm que ser questionadas, porque já não dão conta das novas realidades. “A Geografia tem um contributo a dar para tornar o atual período de transição mais escrutinável e inteligível, mais promissor e melhor gerido”.

Escusado será dizer que os três conferencistas convidados, José Manuel Félix Ribeiro, António Costa Silva e João Ferrão, são, todos eles, excecionais em saber e em transmissão de saber.

Neste primeiro trimestre predomina a música e, dentro dela, o jazz. Ao Grande Auditório vem pela primeira vez o trio de Filipe Raposo, que apresenta o seu primeiro CD. Filipe Raposo é um pianista com um enorme currículo no jazz e na música popular e os elementos que compõem a sua banda são todos de primeira linha. O trio The Thing e o quinteto Atomic, compostos por músicos nórdicos, tocam um jazz de uma energia e exuberância que nos fazem saltar da cadeira, num concerto duplo que será memorável. O percussionista Pedro Carneiro, com uma carreira notável no domínio da música erudita, mas com incursões na música improvisada, faz duo pela primeira vez com Bernardo Sassetti. Acresce um concerto da série “Isto é Jazz?”, com a pianista e compositora japonesa Satoko Fujii, para além dos concertos, sempre muito especiais, que vão à nossa galeria no Porto.

Os blues voltam em mais uma edição de Hootenanny. E desta vez vêm acompanhados do *boogie woogie*. Sugar Blue, o mestre da harmónica, a grande guitarrista Debbie Davies e o improvável holandês Eeco Rapp, reconhecido como um dos maiores especialistas mundiais de *boogie woogie*, são os cabeças de cartaz dos três concertos.

Amélia Muge, que aqui esteve com enorme êxito em 2007, volta com um novo projeto nascido da cumplicidade que foi criando com o artista grego Michales Loukovikas. Um espetáculo que demorou anos a ser construído, em torno da cultura mediterrânica e de todas as outras que a contactaram. Uma descoberta maravilhosa para quem venha ao seu encontro.

No ano passado Vitor Ramil apresentou-se no Grande Auditório com uma retrospectiva da sua carreira. Regressa com um concerto inteiramente consagrado à milonga, com poemas de Jorge Luis Borges e João da Cunha Vargas, por ele musicados. Este espetáculo e o disco que lhe corresponde estiveram nas listas dos dez melhores do ano nas imprensas brasileira e argentina.

Quer no teatro, quer na dança, vamos ter um espetáculo português e um estrangeiro.

No teatro apresentamos uma das mais interessantes companhias nacionais, Cão Solteiro. Com André e Teodósio, dão continuidade a uma série que este iniciou com *Susana Pomba (um mito urbano)*, para “transformar os amigos em protagonistas de coisas que ficam por contar”. Desta vez a amiga é Paula Sá Nogueira, que dá o nome ao espetáculo.

Forest Fringe é um espaço no Festival de Edimburgo, criado em 2007, gerido por artistas, aberto à experimentação, à aventura, onde artistas e público “contribuem com o seu tempo e energia para fazer acontecer coisas excitantes, improváveis, espetaculares”. Ao longo destes anos, recebeu vários prémios pela sua programação. Agora, para diversos lugares da Culturgest, durante três dias, os diretores do Forest Fringe programaram um conjunto de espetáculos e outras aventuras que passaram, quase todos, pelo seu espaço. Das 19h às 24h, tem muitos motivos de maravilhamento.

Cláudia Dias é uma bailarina e coreógrafa de largo currículo que tem apresentado as suas obras pelo país, pela Europa e Brasil. Estreia em Lisboa uma nova coreografia, um solo, coprodução luso-belga, recentemente estreada na Bélgica. Sobre este trabalho ela

escreveu: “Se eu ficar aqui, sempre no mesmo sítio, as coisas irão passar por mim em vez de ser eu a passar pelas coisas”. *Vontade de Ter Vontade*, se chama o espetáculo que temos vontade de ver. *Piracema* é o mais recente trabalho da grande coreógrafa brasileira Lia Rodrigues, que em 2010 aqui apresentou *Pororoca*, considerado pelos críticos do jornal *Público* o melhor espetáculo de dança do ano. Nesta nova coreografia prossegue o seu trabalho sobre a noção de coletivo e as relações entre o grupo e o indivíduo, usando como ponto de partida as histórias pessoais que misturam a vida quotidiana e o sonho.

Nas galerias de Lisboa poderemos ver duas exposições de artistas que trabalham em escultura – a alemã Katinka Bock, que vive em Berlim e Paris e o norte-americano Michael E. Smith, que vive em Detroit. Como noutras ocasiões tem acontecido, são artistas desconhecidos entre nós cujo trabalho achamos ser urgente que o nosso público conheça. No Porto apresentaremos obras da dupla belga Jos de Gruyter e Harald Thys, que já estiveram na Culturgest de Lisboa no final do ano de 2009, com uma magnífica exposição.

Se bem reparar, a nossa programação, seja de espetáculos ou de exposições, é construída simultaneamente com artistas que pela primeira vez nos visitam e com outros que nos revisitam.

*Zona Letal, Espaço Vital*, a mostra de obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos, concebida por Sara Antónia Matos, termina o seu percurso, estacionando no Museu da Imagem em Movimento em Leiria. A exposição tem tido uma ótima e merecida receção por onde tem passado, justificado pelo trabalho exemplar da comissão.

E não se esqueça de consultar as páginas desta brochura dedicadas às atividades do nosso Serviço Educativo, com aliciantes programas pensados para todas as idades.

Como sempre, esperamos por si, julgando ter bons argumentos que justifiquem que um dia ou outro nos visite.

# Continuamos o nosso caminho. Mas agora sem deixar pegada.

Em 2010, a Caixa Geral de Depósitos deu início à concretização do compromisso Caixa Carbono Zero, compensando as emissões de gases com efeito de estufa associadas, entre outros, à Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest, que desde 1993 gere os espaços culturais do Edifício Sede da CGD.

O Programa Caixa Carbono Zero é um projeto estratégico, transversal a toda a atividade do Banco e assumido ao mais alto nível da gestão, assente em cinco vetores de atuação: Informar, Reduzir, Compensar, Desenvolver novos negócios e Comunicar.

A CGD foi a primeira instituição financeira portuguesa a aderir ao Carbon Disclosure Project (CDP), uma organização não-governamental que se apresenta como a referência na divulgação de informação sobre estratégias empresariais de resposta às alterações climáticas e que detém a maior base de dados mundial de emissões de carbono de empresas.

No universo Culturgest foi desenvolvido um conjunto alargado de ações: inventariação das emissões de carbono associadas ao consumo de energia, tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, implementação de medidas de

eficiência energética para redução das emissões de carbono.

Desde 2008, as emissões de carbono da Culturgest têm decrescido progressivamente – cerca de 35%, também devido a fatores naturais de produção de energia favoráveis. Novas medidas como a utilização de lâmpadas com maior eficiência energética, a instalação de sensores de presença em zonas de passagem e armazéns/arrumos e a alteração do sistema de iluminação cénica do auditório continuarão a contribuir para a redução dos consumos de energia. Estas medidas permitem diminuir em cerca de 16.500 kWh/ano o consumo

de eletricidade, o equivalente ao consumo médio de cinco habitações, durante o mesmo período.

Tem existido também uma forte aposta na utilização de energias renováveis como é o caso da Central Solar Térmica instalada no topo do Edifício. Esta Central permite uma poupança de mais de 1 milhão de kWh de eletricidade por ano, o equivalente a cerca de 1 kg de CO<sub>2</sub>e por cada minuto de funcionamento.

Estas e outras medidas resultaram na atribuição de um Certificado de Desempenho Energético e de Qualidade do Ar Interior A+ a este edifício e na obtenção do Prémio EDP – Energia Elétrica e Ambiente, uma iniciativa que distingue as empresas que demonstram ter conseguido otimizar a eficiência da energia elétrica no respeito pelos valores do ambiente.

A preocupação com um consumo mais eficiente é transversal ao recurso água. Foi implementado um conjunto de medidas, das quais se podem destacar a instalação de reductores de caudal em mais de 600 torneiras do edifício e de equipamentos de lavagem de loiça que permitem a reciclagem de água na cantina. A redução de consumo, apenas no primeiro semestre de 2010, foi de 9.000m<sup>3</sup> (9.000.000 litros).

A gestão correta dos resíduos constitui mais um objetivo para a Culturgest. Sempre que possível, estes são devidamente encaminhados para soluções de valorização. Aliás, a gestão de resíduos dos espaços Culturgest é, na

sua maioria, partilhada com o sistema de gestão global do edifício, cuja taxa de reciclagem se situa acima dos 90%. Assim, não só se garante a sua transformação em novos produtos, como se evita a emissão de mais de 470 toneladas de carbono por ano, associadas ao seu encaminhamento para incineração ou aterro.

Estas iniciativas não são, por si só, suficientes para evitar por completo as emissões de carbono associadas à utilização destes espaços. A Culturgest compensa as emissões que não consegue evitar através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil.

Este projeto consiste na instalação de um sistema de cogeração que utiliza resíduos de biomassa como combustível, permitindo substituir as caldeiras a fuelóleo anteriormente utilizadas e reduzir o consumo de eletricidade da rede, gerando uma redução das emissões de CO<sub>2</sub> associadas ao funcionamento da instalação. O projeto cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). No total serão compensadas cerca de 739 toneladas de dióxido de carbono equivalente (CO<sub>2</sub>e) relativas ao ano de 2010.

Culturgest,  
Espaço CarbonoZero®

**Resumindo, estas são as principais medidas adotadas:**

• **Central de energia solar que beneficia todo o Edifício Sede da CGD**

- **Utilização de lâmpadas de baixo consumo energético**
- **Sistema de gestão de iluminação que desliga as luzes automaticamente fora do horário de trabalho**
- **Sistema de ar condicionado dos escritórios desligado aos fins de semana**
- **Sistema de ar condicionado das zonas de público ligado apenas nos períodos de espetáculos**
- **Sistema de shutdown automático dos computadores fora do horário de trabalho**
- **Impressoras centralizadas, com configuração de impressão de baixa qualidade e de dupla face por defeito**
- **Fora dos períodos de maior circulação, metade dos elevadores são desligados**
- **Caixotes de lixo com separação por tipos para reciclagem**
- **Diminuição progressiva da utilização de suportes em papel para a divulgação, privilegiando a divulgação por meios eletrónicos (Internet e e-mail)**
- **Empréstimo de equipamento cénico mais antigo a teatros com menores recursos técnicos (poupança da energia incorporada no fabrico de novos equipamentos)**
- **Utilização de materiais reciclados nos ateliers do serviço educativo**
- **Ações de sensibilização a todos os funcionários sobre comportamentos ambientalmente corretos**



## Conferências/Leituras/Congressos

- 12 **Mudando de Mundo**  
**Globalização e Conflitos no Novo Século**  
por José Manuel Félix Ribeiro
- 16 **Comunidade de Leitores**  
por Helena Vasconcelos
- 22 **Ciclo de Conferências Mário Moura**
- 34 **Petróleo, Gás, a Energia em mudança:  
da Geopolítica às Tecnologias e Mercados**  
por António Costa Silva
- 36 **A Língua Portuguesa em Música**
- 46 **Geografia e pensamento contraintuitivo**  
por João Ferrão

## Música

- 14 **Filipe Raposo Trio**
- 18 **Satoko Fujii**
- 26 **Mika Vainio**
- 28 **Hootenanny**
- 29 Sugar Blue
- 30 Debbie Davies
- 31 Eeco Rijken Rapp
- 32 **Sei Miguel**
- 38 **The Thing+ Atomic**
- 44 **Periplus** Deambulações luso-gregas
- 50 **Pedro Carneiro e Bernardo Sasseti**
- 54 **délibáb** Vitor Ramil

## Dança

- 20 **Vontade de Ter Vontade** de Cláudia Dias
- 52 **Piracema** de Lia Rodrigues

## Teatro

- 40 **Forest Fringe** Um microfestival
- 48 **Top Models: Paula Sá Nogueira (um bestiário)**  
Um espetáculo Cão Solteiro & André e. Teodósio

## Exposições

- 58 **Livraria de arte**
- 60 **José Loureiro**  
As Piores Flores: Desenho 1990-1996
- 62 **Michael E. Smith**
- 64 **Katinka Bock** Personne
- 66 **Willem Oorebeek** Blackout KATALOG
- 68 **Jos de Gruyter & Harald Thys**  
Objetos como Amigos
- 70 **Ana Santos**
- 72 **Zona Letal, Espaço Vital**  
Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos

## Serviço Educativo

## Informações

**Programação**

# Mudando de Mundo Globalização e Conflitos no Novo Século

por José Manuel Félix Ribeiro



TERÇAS-FEIRAS  
10, 17, 24, 31 DE JANEIRO

Pequeno Auditório  
18h30 · Entrada gratuita  
Levantamento de senha  
de acesso 30 minutos antes  
de cada sessão, no limite dos  
lugares disponíveis. Máximo  
por pessoa: 2 senhas.

## 10 de janeiro

A globalização: atores,  
fluxos e crises – uma visita  
a partir do pacífico

## 17 de janeiro

Os EUA, os arquitetos da  
globalização – potência em  
declínio ou fénix renascida?

## 24 de janeiro

A emergência das Ásias  
e os violentos conflitos que  
podemos esperar

## 31 de janeiro

A Europa que destino –  
o Mediterrâneo ou o Ártico?

Este ciclo de conferências pretende fornecer um conjunto de informação sintetizada e trabalhada que permita melhor compreender as múltiplas tensões que se cruzam no mundo de amanhã e que já fazem sentir a sua presença no mundo de hoje.

Começando por compreender a globalização, a sua estrutura, os seus atores principais, os fluxos que a organizam, as suas fases, definidas de acordo com as mudanças nos atores principais envolvidos nesses fluxos. Relacionando em seguida a economia da globalização com a profunda transformação estratégica e geopolítica no pós-Guerra Fria, compreendendo o papel central dos EUA nos três níveis – económico geopolítico e estratégico e as consequências para a Europa da Globalização e do fim da Guerra Fria.

Colocando-nos no “hoje” – ou seja na crise financeira mundial e na turbulência geopolítica em torno da Energia – com as incertezas que coloca quanto ao(s) futuro(s) possíveis de atores. Tentando compreender as origens da atual crise financeira e o modo distinto como atualmente atinge os EUA e a Europa.

Procurando fazer uma abordagem à crise da dívida soberana na margem norte do Mediterrâneo e ao que pode representar para o(s) futuro(s) da zona Euro e para as relações transatlânticas, quando ocorre ao mesmo tempo que as mudanças de regime e as turbulências geopolíticas na margem sul do Mediterrâneo. E concentrando a atenção do futuro nas relações geopolíticas e estratégicas entre os EUA e as três Ásias: Ásia Pacífico, Ásia Central e do Sul e Golfo Pérsico – espaço onde se localizam potenciais Atores Principais no futuro – EUA, China, Índia, Irão... Não esquecendo aqueles que ainda não sabemos se vão, e como vão, irromper em cena.

Com a preocupação de explicitar incertezas e reunir matéria prima para pensar o(s) futuro(s) em cenários contrastados.

José Manuel Félix Ribeiro é licenciado em Economia pelo ISCEF, aposentado do Departamento de Prospetiva e Planeamento e Relações Internacionais do Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território, de que foi subdiretor-geral e onde coordenou a área de Informação Internacional. Responsável pela área de Prospetiva nos cursos de dirigentes do INA, colaborador regular do IDN e do IPRI.

This lecture cycle looks at the future evolution of the economics, geopolitics and strategy of globalisation, and the central role of the USA since the end of the cold war. The origins of today's financial crisis and its impact on Europe and the USA will be examined, together with the Eurozone crisis affecting the north of the Mediterranean basin, and recent geopolitical disturbances and regime change in the south. The main actors in tomorrow's global world will then be identified. José Manuel Félix Ribeiro has wide ministerial and managerial experience in the field of International Relations.

# Filipe Raposo Trio

Apresentação ao vivo do CD *First Falls*



© Egle Bazaraitė

SÁB 14 DE JANEIRO

Grande Auditório  
21h30 · Duração: 1h30  
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

**Piano, acordeão** Filipe Raposo *Fretless*, **baixo** Yuri Daniel  
**Contrabaixo** Carlos Bica **Bateria** Carlos Miguel **Bateria** Vicki  
**Violoncelo** Hugo Fernandes

Filipe Raposo, pianista e compositor, teve uma formação clássica, estudando piano no Conservatório Nacional de Lisboa e composição na Escola Superior de Música de Lisboa, mas rapidamente alargou os seus horizontes ao jazz, à música improvisada, à música popular ou mesmo ao fado.

No domínio do jazz apresenta-se a solo ou como líder do seu trio, ou faz parte de grupos como o Trio de Yuri Daniel ou a Tora Tora Big Band.

Mas Filipe tem também desenvolvido um intenso trabalho como compositor, arranjador e pianista, colaborando com grandes artistas como José Mário Branco, Fausto, Sérgio Godinho, Amélia Muge, Vitorino, Janita Salomé e muitos outros.

*First Falls* é o seu primeiro álbum como líder. Nele revela a diversidade da sua formação e do seu percurso, sendo audíveis várias influências unificadas pela linguagem contemporânea da improvisação.

No disco, e consoante os temas, o seu trio teve formações diferentes. Ora o integravam Carlos Bica no contrabaixo e Vicky Fernandes na bateria, ora Yuri Daniel no baixo *fretless* e Carlos Miguel na bateria. Todos músicos dos melhores da cena jazzística nacional e com quem Filipe Raposo desenvolve, desde há tempos, uma relação de grande cumplicidade e entendimento.

No concerto desta noite, o Trio, tal como no álbum, apresentar-se-á nas suas duas formações.

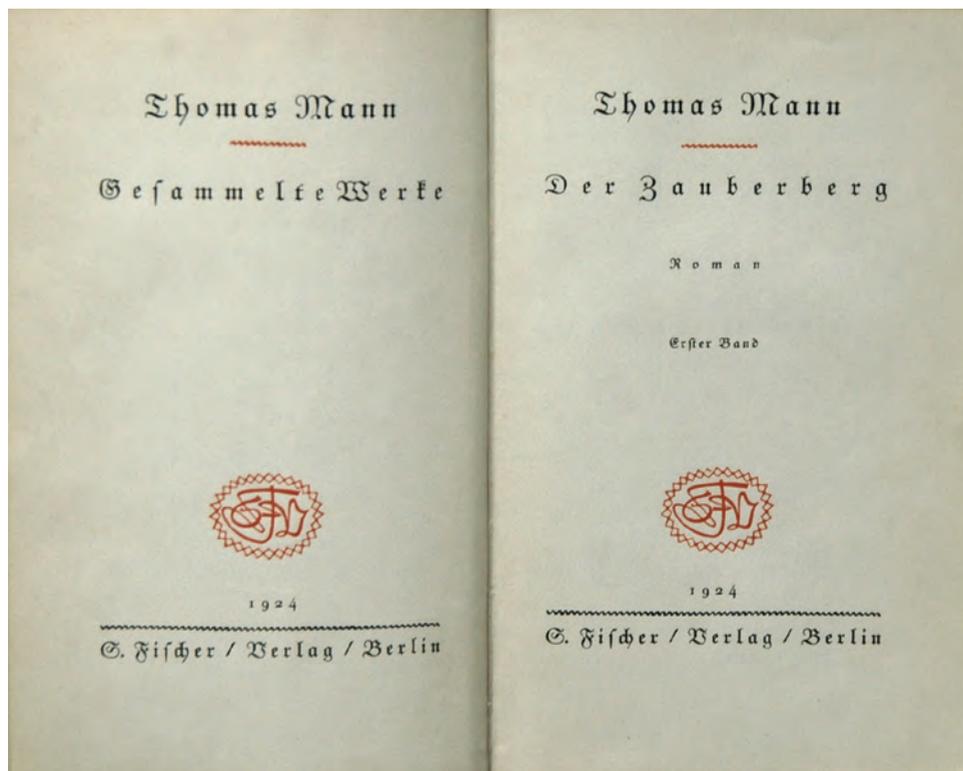
Um espetáculo que para uns será uma belíssima revelação e para outros a confirmação de um magnífico compositor e líder, em diálogo com músicos excepcionais.

A classically trained pianist and composer, Filipe Raposo soon became interested in jazz, improvised music, pop and even fado, playing alone, or in trios and big bands, and working as a composer, arranger and pianist with many of the leading names in Portuguese music. *First Falls* is his first album as a leader and reveals his wide range of influences, unified by the language of improvisation. Performed by the same two trios as on the album, tonight's concert will be a revelation for some and the confirmation for others of a magnificent composer in dialogue with exceptional musicians.

# Comunidade de Leitores

Thomas Mann, nosso contemporâneo?

por Helena Vasconcelos



Edição de obras escolhidas de Thomas Mann. *A Montanha Mágica*, Berlim, 1924.

QUINTAS-FEIRAS  
19 DE JANEIRO  
2 E 23 DE FEVEREIRO  
8 E 22 DE MARÇO  
12 DE ABRIL

Sala 1 · 18h30  
Inscrições até 13 de janeiro  
(limite 40 pessoas) na  
bilheteira da Culturgest, pelo  
tel. 217905155 ou pelo e-mail  
culturgest.bilheteira@cgd.pt

**19 de janeiro**  
**Os Buddenbrook**  
Ed. Dom Quixote

**2 de fevereiro**  
**Tristão e Outros Contos**  
Ed. Ulisseia

**23 de fevereiro**  
**A Montanha Mágica**  
Ed. Dom Quixote

**8 de março**  
**Morte em Veneza**  
Ed. Relógio D'Água

**22 de março**  
**As Confissões de Félix Krull –  
Cavalheiro de Indústria**  
Ed. Relógio D'Água

**12 de abril**  
**Doutor Fausto**  
Ed. Dom Quixote

Com a “crise europeia” na ordem do dia, torna-se imperioso repensar a herança que nos coube do século XX, com os seus ciclos de destruição e renovação. Filósofos, escritores e artistas, em todas as áreas da Cultura, viveram intensamente a turbulência desses tempos de perigo, destruição, exaltação e cosmopolitismo e criaram obras perenes que se tornaram marcos de resistência à barbárie. Entre esses intelectuais que se destacaram, tanto pela obra como pela forma como viveram, está Thomas Mann, o alemão oriundo de uma antiga família hanseática que acabou os seus dias na Suíça, aos oitenta anos. Em 1901 Mann publicou *Os Buddenbrook*, uma saga com fortes traços autobiográficos, para a qual se socorreu das memórias e relatos da sua própria família e da sociedade, na sua cidade natal, Lübeck. Mann, intimamente ligado à cultura germânica, profundamente influenciado pelo humanismo de Goethe, pelo pensamento de Nietzsche e pelo lirismo de Heine e Schiller, foi também um homem do mundo, fruto do exílio e, também, das raízes familiares – a mãe de Thomas, Júlia da Silva Bruhns era brasileira filha de portugueses. Mann, o “escritor mestiço”, casado com uma judia, abandonou a Pátria ao dar-se conta do avanço nazi e da falência de uma Alemanha que renegava a sua própria herança cultural. A sua vasta obra é a prova cabal da sua resistência intelectual e da busca incessante pelo significado da existência. As suas ideias sobre a arte, o artista e o seu papel no mundo (*Morte em Veneza*, *Doutor Fausto*), o inferno da pulsão erótica, o conflito entre vida e morte, (*Tristão e outros Contos*), o absurdo existencial, bem como uma ironia caustica que atravessa obras como *A Montanha Mágica* (uma meditação profunda sobre a experiência espiritual e mental do ser humano) e *Félix Krull*, fazem dele um escritor total, um homem lúcido e genial que não se eximiu de explorar as suas próprias ambiguidades e fraquezas e de questionar a nossa matriz clássica europeia comum.

Thomas Mann ganhou o Prémio Nobel em 1929. Foi um dos poucos intelectuais alemães que nunca se enganou em relação a Hitler.

In this current “European crisis”, it is crucial to rethink the legacy we have inherited from the 20th century, with its cycles of destruction and renewal. Of the philosophers, writers and artists who lived through these turbulent times and left us with enduring works denouncing the barbarity, one of the few German intellectuals who refused to be taken in by Hitler was the 1929 Nobel Prize winner, Thomas Mann, a man of the world who died in exile in Switzerland, aged 80, a total writer who never ceased to explore his own ambiguities and weaknesses and to question our common European heritage.

# Satoko Fujii

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



SEX 20 DE JANEIRO

Pequeno Auditório  
21h30 · Duração: 1h  
5€ (preço único)

M12

*Satoko Fujii é uma pianista inovadora e destemida que tanto desfruta um free jazz agitado como aprecia compor peças mais suaves e mais líricas...*  
Matt Cibula, *Global Rhythm*

*O mundo musical de Fujii é um caleidoscópio; quem conhece o seu trabalho já se habituou a esperar o inesperado. Se há artista de quem se possa dizer que vai ao encontro das expectativas iludindo-as, ela é esse artista.*  
Mike Chamberlain, *Coda*

*Imprevisível, exaltadamente criativa e descomprometida (...) ouvir Fujii é essencial para quem quer que se interesse pelo futuro do jazz.*  
Dan McClenaghan, *All About Jazz*

*A música dela apreende a exuberância e a frescura das experiências novas.*  
Satoshi Kojima, *Strange Days*

*Desde o seu aparecimento na cena do jazz em meados dos anos 90 que a pianista Satoko Fujii rapidamente se afirmou como uma das vozes mais cativantes e excitantes do jazz de vanguarda. (...)*  
*JazzEd*

Piano Satoko Fujii

Nos últimos anos, não só a pianista e compositora Satoko Fujii tem rapidamente imposto o seu nome nos circuitos internacionais da música criativa como se tornou num dos expoentes de uma nova caracterização do músico do século XXI: vem adotando as mais diversificadas linguagens musicais, da erudita contemporânea ao rock alternativo, com passagens pelo jazz e pela tradição nipónica.

Nascida (1959) e residente em Tóquio, mas adotada pela cena nova-iorquina como uma das suas mais ilustres representantes, conta já com cerca de 50 discos enquanto líder ou colíder, cobrindo um variado tipo de combinações instrumentais, do seu aclamado trio com Mark Dresser e Jim Black ao formato *big band* com participantes japoneses. Podemos ouvi-la nas melhores companhias: as de Natsuki Tamura, Larry Ochs, Carla Kihlstedt, os também pianistas Myra Melford e Misha Mengelberg, Ted Reichmann, para só mencionar alguns. Estudou na Berklee College of Music de Boston e no New England Conservatory onde os seus mestres foram George Russell, Cecil McBee e Paul Bley.

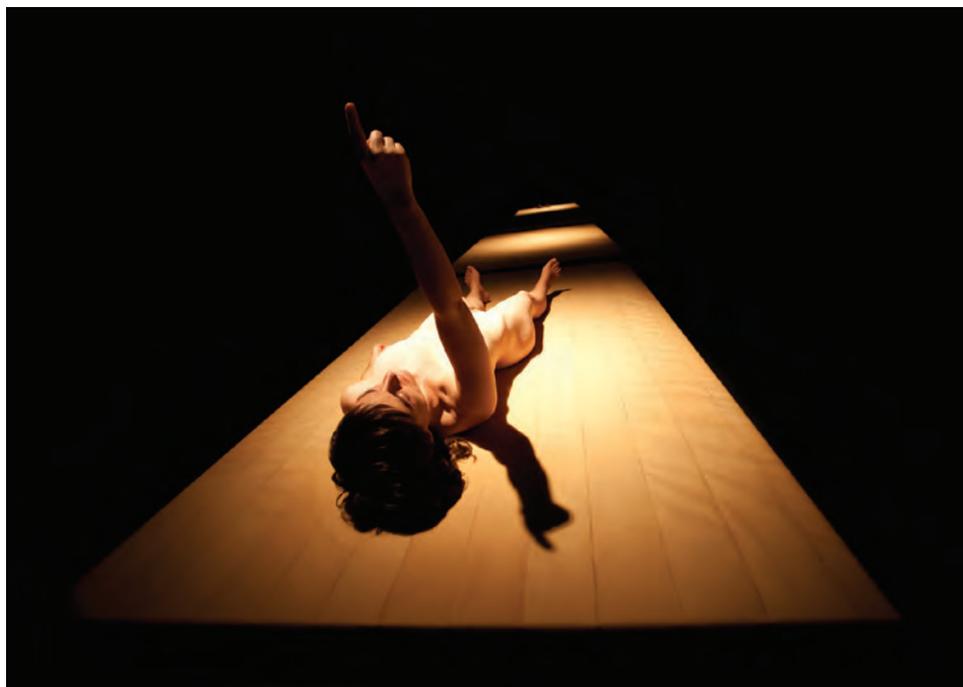
Satoko Fujii tem surpreendido por propor uma música que desafia os rótulos e é iminentemente inovadora e inconformista, ainda que no seguimento da ancestralidade do país do Sol Nascente, sobretudo a popular, e da história do jazz, com um apreço particular pelos pioneiros da estética *free*.

O trio que mantém com o contrabaixista Mark Dresser e o baterista Jim Black conta já com sete discos editados, e tem recorte que se pode apelar de camerístico, já o Satoko Fujii Quartet entra nos domínios do rock, tendo na bateria um elemento dos Ruins, Tatsuya Yoshida. Fujii lidera quatro orquestras, uma em Nova Iorque e as outras em Tóquio, Nagoya e Nobe, com músicos cujos perfis lhe permitem abordagens bem distintas. Com Tamura partilha cinco projetos, um duo, um trio com a inclusão de John Hollenbeck, Junk Box, e três quartetos, Gato Libre, em que toca acordeão, ma-do e First Meeting.

Born in Tokyo in 1959, where she still continues to live, the pianist and composer Satoko Fujii studied at the Berklee College of Music in Boston and the New England Conservatory, rapidly establishing a reputation in the world of modern creative music and being fondly adopted by the New York music scene. She works in a variety of different languages, ranging from alternative rock to jazz and traditional Japanese music, and has already recorded more than 50 albums, playing in trios and big bands and producing highly innovative and non-conformist music that is difficult to label.

# Vontade de Ter Vontade

de Cláudia Dias



© Carlos Gonçalves

SEX 20, SÁB 21  
DE JANEIRO

Palco do Grande Auditório  
21h30 · Duração aprox. 45 min  
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na sexta-feira, dia 20,  
após o espetáculo, haverá  
uma conversa com os artistas  
na Sala 1.

Cláudia Dias é uma artista  
apoiada pelo Modul-dance

Os Três Caracóis - Associação  
Cultural tem o apoio da  
Fundação Calouste Gulbenkian

Apoio/Residências:  
Dance Ireland, Fórum Cultural  
José Manuel Figueiredo e  
Espacio AZALA

deSingel  
Internationale Kunstcampus

MODUL 050505  
DANCE



**Direção artística e coreografia** Cláudia Dias  
**Interpretação** Cláudia Dias ou Cátia Leitão **Texto** Cláudia  
Dias e Cátia Leitão **Cenário** Eric Costa **Som** João Samões **Luz**  
**e direção técnica** Carlos Gonçalves **Música** *América do Norte*,  
Seu Jorge **Professora de Pilates** Maria João Madeira **Professores**  
**de Samba** Carmen Queiroz e Pedro Pernambuco **Direção de**  
**produção** Mónia Mota e João Samões **Tradução** Terry Parsons e  
Mónia Mota **Produção** Os Três Caracóis – Associação Cultural  
**Coprodução** deSingel Internationale Kunstcampus e Culturgest

Se eu ficar aqui, sempre no mesmo sítio, as coisas irão passar por mim em vez de ser eu a passar pelas coisas. O tempo irá passar lento, rotineiro, disciplinado e eu com ele à deriva... Como se não houvesse gravidade que me conectasse a um chão, a um território. Como se fosse ateritorial e apátrida na minha própria terra. Como se o país fosse um lugar distante, ao qual não pertencesse, do qual não fizesse parte. Como se não tivesse nada a dizer. Aqui, de boca cerrada, em silêncio, de plástico, a meter tudo no mesmo saco. Os fracos, os fortes, a amizade e o utilitarismo, o apetite e a fome, a violência, a insurreição, a Revolução de Jasmim e a acampada do Rossio, os direitos, os privilégios, o *pontapé na cona* e o Hermitage La Chapelle, a exclamação, a vertigem, a igualdade e o discurso sobre, a Costa da Caparica e as Bahamas, a esquerda, a direita... Tudo igual. Tudo no mesmo saco. Como se não pensasse. Como se *eles* pensassem por mim. Como se fosse inevitável que *eles* pensassem por nós. Como se a inevitabilidade fosse uma lei da física. E me restasse apenas aceitar, resignada, o eterno retorno de passar pelas mesmas coisas, uma e outra vez. Como se a existência acontecesse e não me visse. Eu, discreta, à paisana na vida. Como se estivesse a ser *agida*.

Cláudia Dias foi intérprete no Grupo de Dança de Almada, integrou o colectivo Ninho de Víboras e colaborou com a Re.Al, tendo sido uma intérprete central na estratégia de criação de João Fiadeiro e no desenvolvimento, sistematização e transmissão da Técnica de Composição em Tempo Real. Criou *One Woman Show, Visita Guiada, Das coisas nascem coisas, 23+1 e Vende-se país solarengo com vista para o mar* (com Márcia Lança). Tem apresentado o seu trabalho em Portugal, Espanha, Itália, Grécia, França, Bélgica, Suíça, País de Gales, Irlanda e Brasil. Frequenta o Mestrado em Artes Cénicas na UNL.

If I stay here, if I stay in the same place, I will let things pass me by rather than go through with them. Time will pass slowly, routinely, steadily, and I shall be drifting... as if there were no gravity connecting me to the ground, linking me to a territory. As if I were stateless in my own land. As if this country were a distant place, to which I do not belong, which I am not part of. As if I had nothing to say.

# Ciclo de Conferências Mário Moura

SÁB 21 DE JANEIRO  
SEX 24 DE FEVEREIRO  
SEX 23 DE MARÇO  
SÁB 21 DE ABRIL

Pequeno Auditório  
18h30 · Entrada gratuita  
Levantamento de senha  
de acesso 30 minutos antes  
de cada sessão, no limite dos  
lugares disponíveis. Máximo  
por pessoa: 2 senhas.

A ideia de partida para cada uma das seis conferências de Mário Moura que, iniciadas em 2011, decorrerão até abril deste ano, a um ritmo mensal, é escolher um objeto, um livro, que permita, por sua vez, apontar para outros objetos, outros livros, mas também para exposições, filosofias, políticas, etc. As escolhas, longe de obedecerem a determinada ordem, cronológica ou temática, assentam num critério difuso: cada livro, na sua forma física, na maneira como decide ocupar as suas páginas, no modo como hierarquiza os seus conteúdos, ou como as suas imagens se relacionam com o seu texto, implica não apenas uma autoria, mas também uma forma de edição e uma forma de se relacionar com a realidade, com a sociedade, com a política ou com a história.

Mário Moura é crítico de *design*. Escreve regularmente para jornais, revistas e antologias. Mantém o blogue [ressabiator.wordpress.com](http://ressabiator.wordpress.com) desde 2004. Publicou o livro *Design em Tempos de Crise*, editado pela Braço de Ferro em 2009. Leciona cadeiras de tipografia, história do *design* e autoria no *design* nas Faculdades de Belas-Artes das Universidades do Porto e de Lisboa.

In each of the six monthly lectures that Mário Moura will give until April this year, the starting point will be the choice of an object, a book, which in turn can direct attention towards other objects, other books, but also towards exhibitions, philosophies, politics, etc. Far from adhering to any particular order, chronology or theme, the choices are based on a diffuse criterion: in its physical form, the way it decides to occupy its pages, the hierarchy it uses to order its contents, the way its images relate to its text, each book implies not only an authorship, but also a particular form of publication and a way of relating to reality, society, politics or history.

The lecture will be held in portuguese.

Mário Moura is a design critic. He writes regularly for newspapers, magazines and anthologies. He has had his own blog [ressabiator.wordpress.com](http://ressabiator.wordpress.com) since 2004, and he is the author of *Design em Tempos de Crise*, published by Braço de Ferro in 2009. Mário Moura lectures in typography, history of design and authorship in design at the Fine Arts Faculties of Porto and Lisbon Universities.



Navio Vazio

**Sáb 21 de janeiro**  
**Contemporânea, Grande**  
**Revista Mensal**

O ponto de partida desta conversa será a revista *Contemporânea*, editada por José Pacheco entre 1922 e 1926, com as colaborações, nomeadamente, de Almada Negreiros e de Fernando Pessoa. Na época, foi tida como uma possível continuação da *Orpheu*, embora mais ambiciosa do ponto de vista gráfico, com ilustrações e fotografias organizadas em composições de página mais arriscadas, impressas sobre uma variedade de papéis diferentes.

Para um leitor atual, uma das curiosidades da *Contemporânea* é o seu modo de distribuição, que se fazia como um conjunto de folhas soltas, de páginas ainda por cortar, dentro de uma pasta que funcionava como capa provisória até o leitor as mandar encadernar, um processo partilhado por alguns dos livros portugueses graficamente mais interessantes, como *Lisboa Cidade Triste e Alegre* ou *A Arquitetura Popular em Portugal*, também eles distribuídos de modo semelhante, como fascículos colecionáveis cuja encadernação ficava a cargo do leitor.

Se atualmente vivemos numa economia em que a dívida desempenha um papel crucial, permitindo-nos comprar objetos que posteriormente pagamos em prestações, estas publicações são vestígios de uma época em que o endividamento era mal visto, pelo que uma das poucas



maneiras de tornar acessíveis objetos caros consistia em parti-los aos pedaços, que eram vendidos em separado. Estas publicações permitem-nos assim refletir sobre as marcas que um determinado modelo de distribuição ou mesmo de moral económica deixa sobre uma publicação, sobre as suas opções editoriais e o seu aspeto gráfico, retirando lições que podem ser aplicadas à edição experimental contemporânea e aos seus modelos de produção e distribuição.

**Sex 24 de fevereiro**  
**Navio Vazio**

O objeto que serve de tema a esta conversa não é, à primeira vista, um livro mas o Navio Vazio: um pequeno espaço de cerca de seis metros quadrados, na Rua da Alegria no Porto, outrora uma oficina de duplicação de chaves. Aqui exibem-se objetos e desenhos de vários autores nacionais e estrangeiros, dão-se conferências e lançam-se pequenas publicações de todos os tamanhos e feitios. Poder-se-ia

dizer que se trata de uma galeria ou de uma livraria com objetivos talvez mais amplos do que os tradicionais, mas aquilo que torna o Navio Vazio o objeto desta conferência é o facto de não ser gerido curatorialmente, como um espaço de exposições, mas editorialmente, como se fosse um livro. Ou seja, é apresentado pelos seus criadores como *sendo ele próprio um livro* – e a ideia não é aqui criar uma analogia entre espaço e livro, mas usar o processo de edição como modo de organizar um espaço, opondo-o a outros modelos como a curadoria, a gestão ou o *design* de exposições.

Numa época em que a leitura se faz cada vez mais em suportes eletrónicos, e em que mesmo as publicações mais tradicionais acabam por ser encomendadas e consumidas através da Internet, a edição, a distribuição e a venda de livros tem assumido muitas vezes um caráter performativo, experimental, que investe conscientemente na proposta de uma leitura lenta, pausada, e na capacidade dos livros para criarem comunidades – estra-

tégias que são visíveis tanto no Navio Vazio como em projetos como A Estante (uma livraria ambulante reduzida a uma estante que se vai juntando a eventos, conferências ou exposições) e Dexter Sinister (*workshop* e “livraria ocasional” em Nova Iorque).

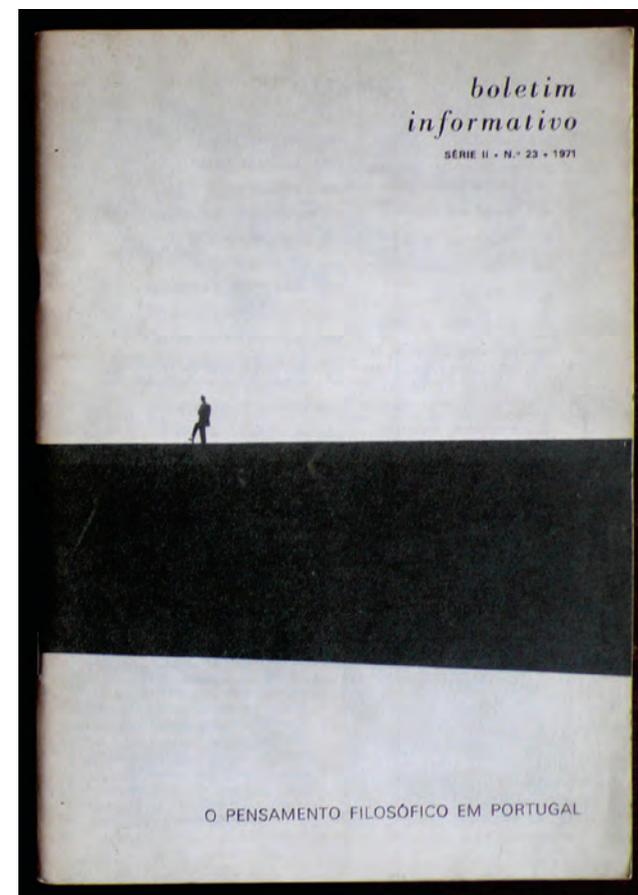
**Sex 23 de março**  
**Boletim Informativo/**  
**Bulletins of the Serving**  
**Library**

Se uma biblioteca é uma acumulação de livros mais ou menos organizada, mais ou menos pública, o seu boletim é uma publicação gerada por esta acumulação, somando-se a ela, dando conta do seu estado, mas também reorganizando-a subtilmente através da proposta de possíveis leituras, de interpretações e usos alternativos.

Nesta conferência, trataremos de publicações que são geradas por uma biblioteca como parte do seu funcionamento, tomando como ponto de partida os boletins de duas bibliotecas muito distintas entre si, tanto na sua identidade como no seu funcionamento. O primeiro é um *Boletim Informativo da Biblioteca Calouste Gulbenkian* da década de 1960; o segundo é a publicação *Bulletins of the Serving Library*, editada por Dexter Sinister em 2011. Entre estes dois extremos, o órgão de uma biblioteca clássica e o de uma que recupera experimentalmente a ideia de biblioteca, tentar-se-á perceber quais as estratégias gráficas através das

quais se representa num livro a sua ligação a uma coleção ou inventário de livros.

**Próxima conferência:**  
Sex 21 de abril  
*Dot Dot Dot, Dexter Sinister*



# Mika Vainio

Ciclo de concertos comissariado por Filho Único



SEX 27 DE JANEIRO

CULTURGEST PORTO

22h · Duração: 1h

5€ (preço único)

M12

Elétrica Mika Vainio

Figura decisiva na música europeia nas últimas duas décadas, quer enquanto membro dos Pan Sonic ou através do heterónimo Ø, Mika Vainio vem à Culturgest Porto na sequência do seu brilhante e mais recente trabalho, *Life (It Eats You Up...)*, editado em 2011 em nome próprio.

O percurso deste artista finlandês tem-se definido por uma exploração e concretização das possibilidades de textura e dinâmica do som, para isso torcendo sempre que necessário instrumentação pré-existente, ou recorrendo à utilização de meios eletrónicos desenhados para si próprio, à medida das suas positivamente ambiciosas necessidades de projeção acústica. O trabalho novo que nos vem mostrar, sempre contratualmente imprevisível até bem perto da apresentação, vem no encaixe de *Life...*, o seu primeiro registo centrado na guitarra elétrica, que nos mostra uma brutalizante leitura do vocabulário rock, operado nesta instância como máquina poética preciosa capaz de produzir e ilustrar uma leitura extraordinariamente cáustica e profundamente escura da vida.

Neste álbum podemos encontrar um novo e potencialmente crucial marco no percurso deste músico – uma raríssima interseção entre o digital e o eletrónico que tem sido a sua paleta primordial, e um desenho acusmático da eletricidade, onde o confronto, choque e pavor provocados pelas conjunções sonoras de Vainio edificam um trabalho onde todo o ouvinte é, acima de tudo, submisso a uma experiência sonora que se quer abismal e epifânica, pelo confronto com o vazio que lhe é implícita.

A narrativa da obra de Mika Vainio é tão simplesmente – e por isso tem sido infinita em possibilidades – uma eterna busca por um conjunto de imagens e realidades sonoras enquanto experiências intensamente vividas, como objetivo fundamental da criação. É na pureza dessa busca pelo que é mais real, que está o cerne deste fascinante artista, que continua a ver para lá da limitação dos géneros, da forma canónica e de um cumprimento de uma falsa obrigação tecnológica, para melhor nos revelar o significado mais cru que ele próprio procura deslindar a cada dia.

Pedro Gomes/Filho Único

A leading figure in European music over the last two decades, the Finnish musician Mika Vainio explores the texture and dynamics of sound, through the use of either pre-existing or electronic media of his own design. He will be coming to Culturgest Porto after the release of his brilliant and most recent work, *Life (It Eats You Up...)*, a new and potentially crucial milestone in his career and a rare coming together of the digital and electronic, his distinctive hallmark, submitting listeners to an epiphanic and abyssal sound experience that implicitly forces them to confront the void.

[www.allmusic.com/artist/vainio-p169055](http://www.allmusic.com/artist/vainio-p169055)

# Hootenanny

Comissário: Ruben de Carvalho

DE SÁB 28 DE JANEIRO  
A SEX 3 DE FEVEREIRO

A edição de 2012 do Hootenanny regressa aos *blues* – desta vez com uma incursão a um muito chegado parente: o *boogie woogie*.

O espetáculo do Grande Auditório estará a cargo de uma banda à qual – tal como ao seu *leader* – a crítica da especialidade dedica particular atenção: Sugar Blue.

Dois aspetos são habitualmente apontados para sublinhar a qualidade e originalidade deste músico natural de Harlem: em primeiro lugar – e além dos seus talentos de cantor e compositor – o estilo francamente inovador que introduziu na *blues harp*, a harmónica de *blues*, marcadamente diferente dos outros executantes, habitualmente mais influenciados pela tradição do Delta e dos *blues* rurais. Sugar Blue é um músico urbano e a energia e perceptível influência do jazz no seu estilo são claras, a par com a incontornável marca de Chicago.

O segundo ângulo é a notável versatilidade de James Whiting (o seu verdadeiro nome), que lhe asseguraram durante anos uma promissora

carreira de músico de estúdio procurado por bandas de todos os géneros, a começar pelos Rolling Stones, mas que significativamente trocou pelo percurso a solo.

São ainda *blues* puros os que se ouvirão no Pequeno Auditório, aqui com a originalidade de se tratar de uma duplamente premiada guitarrista: Debbie Davies. Sobre ela bastará talvez dizer que, sendo hoje das mais frequentes presenças femininas na guitarra de *blues*, Debbie integrou durante três anos os famosos Icebreakers de Albert Collins e que algumas das suas últimas digressões têm-se realizado com Coco Montoya ou Duke Robillard.

O segundo espetáculo do Pequeno Auditório será dedicado a uma das expressões musicais afro-americanas que mais debate tem dado e de resultados mais visíveis: sem *boogie woogie*, o *rock & roll* não seria pensável...

Surgido diretamente ligado à construção das linhas ferroviárias ao longo do século XIX e às provisórias aldeias – e bares... – que essa epopeia foi criando ao longo das planícies americanas, o *boogie woogie* tem merecido especial atenção

a músicos europeus e é um dos reconhecidos especialistas mundiais que o trará à Culturgest: Eeco Rijken Rapp.

The 2012 edition of Hootenanny marks a return to the blues, mixed with a spot of boogie woogie. The concert in the Main Auditorium will be in the hands of the band led by Harlem-born Sugar Blue, noted for his innovative way of playing the blues harp, with a definite jazz influence, and his great versatility. Playing in the Small Auditorium will be the female blues guitarist Debbie Davies, who once played with Albert Collins' Icebreakers, followed by a second concert dedicated to boogie woogie, brought to Culturgest by one of the world's leading specialists in this genre: Eeco Rijken Rapp.

# Sugar Blue

SÁB 28 DE JANEIRO

Grande Auditório  
21h30 · Duração: 1h30  
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Harmónica, voz Sugar Blue  
Guitarra, voz Rico McFarland  
Contrabaixo, voz Ilaria Lantieri  
Teclados, voz Sonny Axell  
Bateria Pooky Styx

Em 1978 os Rolling Stones conquistavam pela oitava vez um primeiro lugar nos top americanos: *Miss You*, que deveria grande parte do seu êxito a um espetacular solo de harmónica. Que não era tocada por nenhum dos Stones, mas por um músico nascido no Harlem em 1949 e que o recentemente entrado para o grupo Ron Wood descobrira tocando... nas ruas de Paris!

A carreira de Sugar Blue (nome artístico de James Whiting) não começara aqui. Entrara já na cena de *blues* nova-iorquina em 1970, mas fora a conselho de Memphis Slim que, no final da década, seguira as pisadas de outros e partira à aventura até Paris.

A sua colaboração com os Stones prosseguiu até que, em

1982 regressou aos Estados Unidos, optando decididamente por uma carreira a solo. A decisão revelou-se acertada: decorridos apenas dois anos a sua faixa *Another Man Done Gone*, integrada no *Blues Explosion* gravado em Montreux, ganhava o Grammy para o Melhor *Blue* Tradicional.

Também cantor e compositor, o estilo único da harmónica de Sugar Blue, a invulgar energia da sua presença em palco e o talento para dialogar com a sua banda e outros intérpretes tornaram interminável a lista de celebridades com quem partilhou estúdios e palco. De B.B. King a Art Blakey ou Bob Dylan.

In 1978, the Rolling Stones' eighth number one hit in America, *Miss You*, owed much of its success to a spectacular harmonica solo by the Harlem-born Sugar Blue spotted by Ron Wood playing in the streets of Paris. Already established on the New York blues scene, he had gone there at the advice of Memphis Slim. In 1982, he returned to the States and embarked on a solo career, winning a Grammy for the best traditional blues with *Another Man Done Gone*. His unique harmonica style and boundless energy have led to his playing with many famous musicians, from B.B. King to Art Blakey and Bob Dylan.



© Ricky Abbondanza

# Debbie Davies

QUA 1 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório  
21h30 · Duração: 1h30  
5€ (preço único)

M12

**Guitarra** Debbie Davies  
**Bateria** Don Castagno  
**Contrabaixo** Mathew Lindsey

Um crítico, no *Los Angeles Times*, escreveu a feliz imagem sobre Debbie Davies que «nas suas mãos a guitarra parece uma varinha mágica». Não seria de esperar outra coisa de uma veterana que entrou definitivamente na cena dos *blues* em Los Angeles tocando na banda feminina dirigida por Maggie Mayall, a mulher de John Mayall, para quatro anos depois ser convidada por Albert Collins para integrar os Icebreakers e com essa lenda da música afro-americana ter percorrido todo o mundo.

Debbie Davies não deixa ainda hoje de sublinhar a importância que teve o trabalho com Collins e que a transformaram numa das mais destacadas guitarristas americanas, tocando com um verdadeiro *who's who* da cena *blues*, de Ike Turner a James

Cotton, de Coco Montoya a Tab Benoit.

A sua origem familiar (ambos os pais são músicos profissionais) e o facto de ter começado a sua carreira tocando guitarra acústica, assegura a Debbie uma versatilidade que proporciona que o seu trio viaje com igual segurança do Delta a Chicago, tal como em 97 tenha recebido o W.C. Handy Award para a melhor artista feminina e em 2010 o Blues Music Award para a melhor intérprete tradicional.

Debbie Davies was once described by a critic of the



*Los Angeles Times* as wielding her guitar “as if it were a magic wand”. Having started her musical career in Los Angeles playing in the band led by Maggie Mayall, she was invited to join Albert Collins’ Icebreakers, a move that turned her into one of the leading American guitarists and led to her playing with such musicians as Ike Turner, James Cotton, Coco Montoya and Tab Benoit. Born into a musical family, she started out playing acoustic guitar, affording her a versatility that makes her trio as much at home playing Delta as Chicago blues.

# Eeco Rijken Rapp e David Herzel

SEX 3 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório  
21h30 · Duração: 1h30  
5€ (preço único)

M12

**Piano** Eeco Rijken Rapp  
**Bateria** David Herzel

Os apaixonados de jazz em nada estranharão que venha da Holanda o que é considerado um dos melhores executantes contemporâneos de *boogie woogie*! O país é de há muito conhecido pelo dinamismo da sua cena de jazz, muito em particular o jazz tradicional e faz todo o sentido que, depois de ter estudado piano clássico durante mais de dez anos, Eeco Rijken Rapp seja hoje considerado um inteiramente legítimo herdeiro dos lendários Albert Ammons e Pete Johnson, os homens de quem Peter Sylvester, o principal historiador do género, escreveu serem possuidores de uma *left hand like God*!

Rijken Rapp tem participado em festivais de jazz e *boogie woogie* por toda a Europa, mas tornou-se especialmente conhecido pelo seu empenho no ensino do estilo,

nomeadamente as lições que a partir de 2006 começou a publicar no YouTube.

Jazz fans are not at all surprised to find that one of the best-known contemporary players of boogie woogie should come from Holland, a country that has long been known for its jazz scene. After more than ten years spent studying classical piano, Eeco Rijken Rapp is today consid-

ered an entirely legitimate heir of the legendary Albert Ammons and Pete Johnson. Rijken Rapp has taken part in jazz and boogie woogie festivals all over Europe, but became particularly famous for his stylistic lessons on YouTube.



# Sei Miguel

Prelúdio e Cruz de Sala

Ciclo de concertos comissariado por Filho Único



© Cristina Cortez

SÁB 4 DE FEVEREIRO

CULTURGEST PORTO

22h · Duração: 1h

5€ (preço único)

M12

Outras apresentações:

7 de Fevereiro,

Teatro Maria Matos

**Trompete pocket** Sei Miguel **Trombone alto** Fala Mariam  
**Guitarra elétrica** Pedro Gomes **Percussão** César Burago

Extraordinário músico português, Sei Miguel (n. 1961) tem vindo desde há praticamente três décadas a trilhar novos e cruciais caminhos no que trata à história do jazz, da composição e daquilo que significa frasear (escrito e inverbalizável) onde residem as coisas como elas são.

Sediado em Lisboa desde o final dos anos 70, produziu mais de uma dezena de discos, uma quantidade impressionante de peças e tocou inúmeros concertos, liderando formações que têm vindo a incluir vários músicos de grande importância na realidade musical mais relevante e desafiante do nosso país.

O seu trabalho é invulgarmente rigoroso e concentrado em questões de forma, métrica, dinâmica, amplitude e silêncio anotados no seu próprio sistema de escrita, que interseccionam o seu “ofício jazzístico” com o mundo da composição moderna e contemporânea, de onde extrai aprendizagens que lhe são de grande utilidade para composição em *scores*/pautas.

Para esta atuação na Culturgest, Sei Miguel irá apresentar *Prelúdio e Cruz de Sala*, peça que conta com a participação do seu *Unit Core*, constituído pelo próprio Sei Miguel, e pelos seus músicos mais chegados.

Esta peça utiliza, como o título o indica, a forma da cruz, que, nas palavras do artista, “sempre foi uma obsessão”. Miguel fala que essa forma “implica que se assumam misticamente isso”. A primeira apresentação ao vivo de um trabalho do artista escrito em cruz ocorreu em agosto de 2011 no Museu do Chiado, ocasião essa onde a cruz foi trabalhada de maneira “topográfica e horizontal”, e especificamente desenhada para o Jardim de Esculturas dessa instituição.

Para esta segunda parte do trabalho, aqui em estreia, Sei Miguel partiu de um prelúdio que provém de uma secção de uma peça para octeto datada de 2002, compondo “uma oração circular, moeda mística passiva”. A titular cruz de sala “está verticalmente suspensa. Ela começa e termina em chamas. Toda ela é constituída por fraseado pseudo-litúrgico. É a cruz cristã, um poço xamânico, uma macumba para afastar os maus lisboetas, executada em ascensão”.

Filho Único

Sei Miguel (b. 1961) has spent almost three decades breaking new ground in the history of jazz, composition and phrasing. He has produced over a dozen albums and performed countless concerts, playing with leading Portuguese musicians and concentrating on questions of form, metre, dynamics, amplitude and silence. He will be playing with his *Unit Core* formation.

[www.myspace.com/seimiguel](http://www.myspace.com/seimiguel)

# Petróleo, Gás, a Energia em mudança: da Geopolítica às Tecnologias e Mercados

por António Costa Silva



**QUARTAS-FEIRAS**  
8, 15, 22, 29 DE FEVEREIRO

**Pequeno Auditório**  
18h30 · Entrada gratuita  
Levantamento de senha  
de acesso 30 minutos antes  
de cada sessão, no limite dos  
lugares disponíveis. Máximo  
por pessoa: 2 senhas.

**8 de fevereiro**  
Mudanças estruturais  
e estratégicas em curso no  
mercado da energia

**15 de fevereiro**  
A matriz energética atual,  
o contexto histórico,  
vulnerabilidades e soluções

**22 de fevereiro**  
Cenários para a evolução  
futura e papel das diferentes  
tecnologias

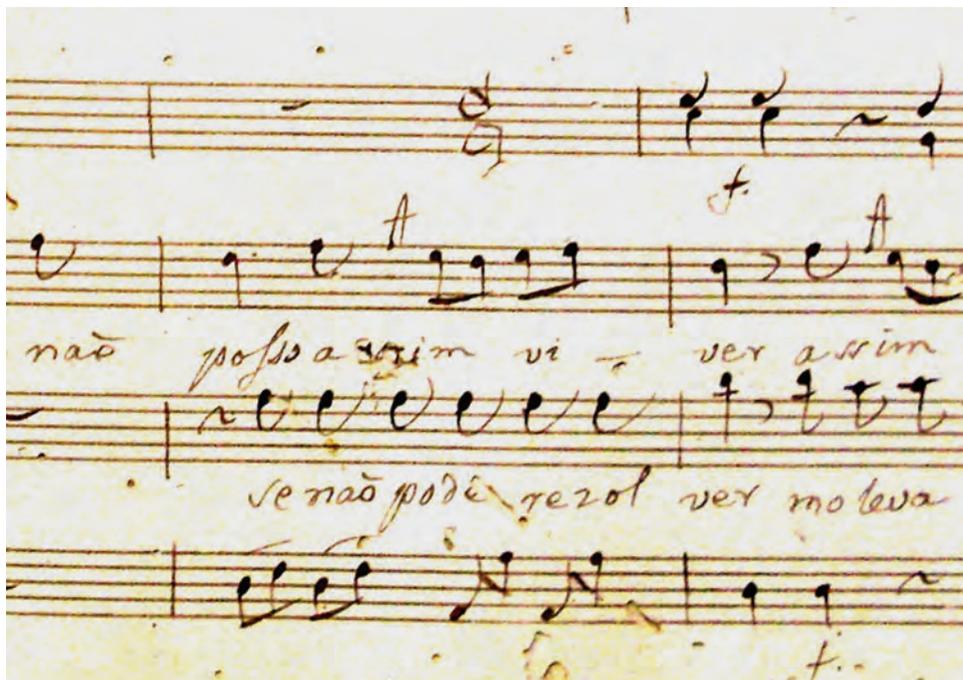
**29 de fevereiro**  
A Segurança energética de  
Portugal e da Europa: um novo  
conceito para o século XXI

Este ciclo de conferências abordará o panorama atual do mercado energético, analisará a evolução do preço do petróleo e os fatores que explicam as suas variações cíclicas e abordará a interação que existe entre o consumo de energia, o desenvolvimento económico e o crescimento demográfico. Serão também discutidas as tendências que estão a emergir na geopolítica da energia e as mudanças correlativas nos mercados financeiros internacionais com a enorme transferência de riqueza dos países consumidores para os países produtores proporcionada pelos preços altos do petróleo. O ciclo abordará também os fatores de mudança do paradigma energético atual, abordará questões da história da energia e extrairá ilações que são candentes para compreender as mudanças atuais. Cenários para a evolução futura da matriz energética com o papel das tecnologias emergentes para o sistema de transportes e para a geração elétrica e térmica, serão discutidos. O papel das energias renováveis, da energia nuclear, dos biocombustíveis e outras soluções será discutido bem como o impacto para a economia e para a vida das pessoas. A interação da energia com o ambiente será abordada na perspetiva integrada que favorece uma nova conceção para o futuro baseada num modelo energético que assegure a estabilidade do abastecimento, a sustentabilidade ambiental e a competitividade económica. Finalmente as questões da Segurança energética na Europa e em Portugal serão abordadas bem como as características específicas da situação energética portuguesa com a discussão sobre o que é preciso fazer.

António Costa Silva é Professor no Instituto Superior Técnico, Doutor pelo Imperial College em Londres e Presidente da Comissão Executiva do Grupo Partex Oil and Gas, que está envolvido em projetos de exploração e produção de petróleo e gás em Abu Dhabi, Oman, Cazaquistão, Brasil, Argélia, Angola e Portugal. Trabalhou no Instituto Francês do Petróleo, foi responsável e coordenador das equipas técnicas que executaram projetos nalguns dos maiores campos de petróleo e gás do mundo, entre muitos outros cargos e missões da mais alta importância no domínio da energia.

This lecture cycle will examine the current panorama of the energy market, analysing the evolution of oil prices and looking at the interaction between energy consumption, economic development and demographic growth. Other subjects for discussion will be the effects of the huge transfer of wealth to the producer countries, the history and future of energy, the role of renewable energies, nuclear energy and other solutions, environmental sustainability and the specific energy situation in Portugal. António Costa Silva is a highly qualified academic with a long career in the oil industry.

# A Língua Portuguesa em Música



O Basculho (detalhe), Marcos Portugal © Alberto Pacheco in Biblioteca Alberto Nepomuceno - UFRJ

SEX 10, SÁB 11  
DE FEVEREIRO

Entrada livre

**Organização** Caravelas, Núcleo de Estudo da História da Música Luso-Brasileira do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (cesem)

O Caravelas (Núcleo de Estudos da História da Música Luso-Brasileira – FCSH, UNL) realiza em Lisboa o congresso internacional *A Língua Portuguesa em Música* entre 9 e 11 de fevereiro de 2012. Pretende-se reunir especialistas de várias áreas para debater as relações entre a língua portuguesa e a música, acolhendo transversalmente estudiosos da *performance*, do património, da etno e da musicologia, da estética, dos estudos literários, entre outros. Em linhas gerais, os temas abordados serão: O património musical em português; a *performance* e produção deste mesmo património: realidade, desafios e estratégias; a pronúncia padrão do Português Cantado e suas variantes geográficas, sociais e históricas; o repertório em vernáculo e os projetos nacionalistas; as relações entre literatura e música.

As atividades do evento terão lugar entre a Culturgest, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a Escola Superior de Música de Lisboa, o Palácio Foz e o Palácio Fronteira. A Culturgest, em específico, abrigará, entre as 9h e 18h dos dias 10 e 11 de fevereiro, as comunicações propostas pelos congressistas e as mesas de debates previstas.

Vale salientar que, apesar do evento estar sediado em Lisboa, conta com alguns parceiros no Brasil: o grupo de estudos EVPN (Expressão Vocal na Performance Musical) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e o grupo de estudos do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com o qual o Caravelas mantém um projeto binacional de intercâmbio financiado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil) e pela FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal).

A programação detalhada está disponível no site do evento: [www.caravelas.com.pt/congresso\\_a\\_lingua\\_portuguesa\\_em\\_musica.htm](http://www.caravelas.com.pt/congresso_a_lingua_portuguesa_em_musica.htm)



**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



From 9 to 11 February 2012, Caravelas will be holding an international conference in Lisbon on *The Portuguese Language in Music*, bringing together specialists from various areas. The activities will be held at different venues all around Lisbon, including a series of debates at Culturgest from 9 am to 6 pm on 10 and 11 February. Attending the event will be some of the partners from Brazil, with whom Caravelas has a bilateral exchange agreement funded by Capes and FCT. The detailed programme is available at: [www.caravelas.com.pt/congresso\\_a\\_lingua\\_portuguesa\\_em\\_musica.htm](http://www.caravelas.com.pt/congresso_a_lingua_portuguesa_em_musica.htm)

# The Thing + Atomic

SÁB 11 DE FEVEREIRO

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h40

20€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

The Thing: **Saxofone** Mats Gustavsson**Contrabaixo** Ingebrigt Håker Flaten **Bateria** Paal Nilssen-LoveAtomic: **Saxofones, clarinete** Fredrik Ljungkvist**Trompeta** Magnus Broo **Piano** Håvard Wiik**Contrabaixo** Ingebrigt Håker Flaten **Bateria** Paal Nilssen-Love

Em 2000, seis músicos de jazz suecos e noruegueses formaram dois grupos, o trio The Thing e o quinteto Atomic, em parte como uma forma de reação à imagem de um jazz nórdico frio e melódico que, entre outros, a editora ECM e o seu som tão característico, popularizava.

Estes músicos excepcionais queriam mostrar um jazz enérgico, explosivo, descendente do *free jazz* europeu e americano.

O The Thing, que junta à secção rítmica dos Atomic (norueguesa) o saxofonista sueco Mats Gustavsson, combina o *free jazz* com a música rock. Temas de PJ Harvey, The White Stripes ou The Sonics aparecem nos seus discos. Publicaram nove álbuns. Mas é ao vivo que a sua música, semelhante à de um grupo rock, revela todo o seu poder. “A enorme energia que criam da madeira, metal, fôlego e músculo, é incrível”, disse a BBC. Outros falaram a propósito da sua música de fogo e fúria. Joe McPhee e Ken Vandermark são convidados frequentes nos concertos que realizam.

Os Atomic, com a mesma origem, preocupações semelhantes, os mesmos contrabaixo e bateria, a mesma energia, a mesma ligação ao *free*, são, como eles próprios se descrevem, “em parte uma leitura académica, em parte uma divertida noite fora da cidade”. Sem influência da música rock, as suas raízes estão nas tradições do jazz e da música improvisada das duas margens do Atlântico. Com nove CDs publicados, também é ao vivo que se revela toda a força da sua música.

Os dois grupos, tendo pontos de contactos, são muito diferentes um do outro. Este será um duplo concerto excepcional em que poder, energia, força, estarão exuberantemente presentes. Para mais informação consulte [www.thingjazz.com](http://www.thingjazz.com) e [www.atomicjazz.com](http://www.atomicjazz.com) onde pode escutar exemplos da sua música.

In 2000, six Swedish and Norwegian musicians formed two groups, the trio The Thing and the quintet Atomic, as a reaction to the popular Scandinavian image of cold and melodic jazz. These exceptional musicians preferred a more energetic and explosive music derived from European and American free jazz. The Thing play fiery and furious music that is a combination of free jazz and rock, while Atomic, with the same drummer and bass player, remain rooted in the jazz tradition of improvised music, making them very different to listen to.



Atomic

# Forest Fringe

Um microfestival



Watch Me Fall © Toby Farrow

SEX 17, SÁB 18, DOM 19  
DE FEVEREIRO  
(com um espetáculo satélite  
de 14 a 19)

Vários espaços da Culturgest  
O programa decorre das 19h  
às 24h · Bilhete único: 15€  
Até aos 30 anos: 5€

M12

Espetáculos em inglês,  
sem legendas

Herald Angel 2008, 2011  
Menção Especial do Prémio  
Peter Brook 2008  
Scotsman Fringe First 2009  
Prémio Peter Brook 2009

*Parece-me que na sua abordagem de regresso ao essencial, tem um pensamento totalmente virado para o futuro – e um âmbito potencialmente revolucionário. Seja o que for que a nova década nos reserve, as sementes da próxima vaga teatral – e provavelmente da nossa própria recuperação – residem no milagre expansivo e pouco dispendioso que é o Forest Fringe.*

Dominic Cavendish, discurso  
do Prémio Peter Brook

*Uma das mais brilhantes histórias de sucesso do Festival de Edimburgo.*

Donald Hutera, *The Times*

Com o apoio do British Council

Forest Fringe é uma organização sem fins lucrativos e gerida por artistas que começou em 2007. Meia década depois, a sua programação no festival de Edimburgo tornou-se reconhecida enquanto espaço de experimentação, generosidade e aventura comunitária: um oásis no meio do ruído de Edimburgo, muito do que de mais significativo, comovente e politicamente relevante tem passado pelo festival foi apresentado no Forest Fringe. O espaço recebeu diversos prémios pela sua programação inabitual e arriscada. Trata-se frequentemente de obras delicadas, experiências teatrais e projetos ambiciosos que ainda não estão prontos. E por vezes são peças tão íntimas ou discretas que é importante encontrar o contexto certo para as apresentar.

Os codiretores do Forest Fringe, Andy Field e Deborah Pearson, planearam connosco um fim de semana alargado de espetáculos e outras aventuras na Culturgest. Esperamos que nos traga um instantâneo da experimentação teatral contemporânea no Reino Unido, e que ao mesmo tempo nos inspire a ensaiar outras maneiras de produzir, apresentar e ver teatro.

Forest Fringe is a not-for-profit, artist-led organisation that began in 2007. Its yearly Edinburgh Festival venue has become renowned as a space for experimentation, generosity and communitarian adventure, presenting work that is meaningful, moving and politically relevant. The venue has won numerous awards for its unusual and adventurous programme: exciting theatrical experiments and ambitious projects that are often not yet finished. Forest Fringe's co-directors Andy Field and Deborah Pearson have organised with us a weekend of shows and smaller experiences. We hope this will not only provide a snapshot of contemporary experimentation in theatre taking place in the UK, but also inspire us to try out different ways of producing, presenting and seeing work.

## Programa do microfestival

Os espectadores poderão assistir a três espetáculos, bem como experimentar outras pequenas aventuras.

### 19h – Abertura

## Watch Me Fall

### Vê-me a cair

de Action Hero  
50 minutos

Este é um espetáculo sobre aqueles que fazem acrobacias e manobras arriscadas, os *daredevils*. Os Action Hero dizem ao seu público que vão saltar dentro de um barril, atingindo a rampa a 150 à hora e transpondo dez autocarros de dois andares, e não param até que o último filho-da-mãe que ali está se ponha a incitá-los. No *Guardian*, Lyn Gardner escreveu que “este pequeno e soberbo espetáculo de Action Hero tem múltiplas camadas: espreita por trás dos olhos de um duro e encontra por lá qualquer coisa morta e furiosa” – e deu-lhe quatro estrelas.

A performance about daredevils. We tell our audience that we're going over in a barrel, hitting the ramp at 90mph and clearing 10 double-decker buses, and we're not stopping until every last sonofabitch in the place is cheering us on.

### 20h – Aventura

Bryony Kimmings, Jenna Watt e Mamoru Iriguchi preparam experiências curtas para pequenos grupos de espectadores, depois de uma semana

de trabalho nos espaços da Culturgest. Os portugueses André e. Teodósio & Cão Solteiro experimentam o que poderá vir a fazer parte do espetáculo a estrear aqui no mês seguinte.

Short experiences for small audiences by Bryony Kimmings, Jenna Watt Mamoru Iriguchi and André e. Teodósio & Cão Solteiro.

### 21h30 – Histórias

O público divide-se entre estes dois espetáculos

## Like You Were Before

Tal como eras antes  
de Deborah Pearson  
50 minutos

Usando um vídeo do último dia em que viveu no Canadá, há seis anos, Deborah Pearson tenta (sem conseguir) inserir-se de novo no enquadramento.



Este é um espetáculo sobre andar para a frente às arrecuas. “Uma peça bela e filosófica sobre o amor, a perda e a memória”, escreveu-se na crítica de quatro estrelas de *The List*. O espetáculo ganhou um Herald Angel em 2010.

Using a video from the last day she lived in Canada six years ago, Deborah Pearson attempts (unsuccessfully) to re-insert herself into the frame. This is a show about moving forward backwards.

## Hitch

Boleia  
de Kieran Hurley  
50 minutos

Numa peça intimista de narração contemporânea, Kieran Hurley conta a experiência verdadeira da sua viagem, fazendo perguntas sobre o significado e objetivo do protesto político, os limites do

poder pessoal e a possibilidade de mudança. Com sentido de humor e honestidade, este é um espetáculo instigante e no fim de contas esperançoso e animador, contando uma história de líderes globais, desconhecidos compassivos, um rapaz e o seu polegar.

An intimate piece of contemporary storytelling, *Hitch* asks questions about the meaning and purpose of political protest, the limits of personal power and the possibility of change.

### 23h – Conclusão

## Growing Old With You

Envelhecer contigo  
de Search Party  
50 minutos

Começando em 2010 e de dez em dez anos para o resto das suas vidas, Search Party cria um espetáculo explorando os conceitos de idade, dualidade e acumulação. Interessa-lhes o processo de envelhecimento não apenas enquanto caminhada para a morte mas enquanto celebração de uma vida vivida plenamente. O corpo torna-se um mapa, um terreno que cartografa a sua história. Procura-se documentar a experiência vivida em tempo real, ao longo de uma vida inteira em que os criadores, a peça e o público envelhecem em conjunto.

A lifelong performance project which attempts to document lived experience in real time. Over the course of a lifetime

*Hitch* © Hannah Nicklin



they hope to create a series of works in which they, the work and the audience all grow old together.

### Ter 14 a Dom 19 – Satélite

Sessões às 16h, 16h45, 17h30, 18h15, 19h

## Maybe If You Choreograph Me, You Will Feel Better

Talvez, se me coreografares, te sintas melhor  
de Tania El Khoury  
30 minutos

Peça relacional que tem lugar entre uma *performer* e um espectador do sexo masculino.

A *performer* usa auscultadores sem fios. O espectador fala para um ditafone. Ele dita todos os movimentos dela. Pode escolher apresentar-se ou permanecer anónimo. Pode escolher seguir um guião ou improvisar. As escolhas dela, no entanto, são menos evidentes. O espetáculo recebeu em 2011 um Total Theatre Award e o Arches Brick Award.

A relational piece that happens between one female performer and one male audience member. He dictates her every move. He can choose to follow a script or to improvise. Her choices, however, are less straightforward.

*Growing Old With You*

# Periplus

Deambulações luso-gregas



© Egle Bazaraitė

SÁB 25 DE FEVEREIRO

Grande Auditório  
21h30 · Duração: 1h30  
20€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

**Voz, braguesa** Amélia Muge **Voz, acordeão** Michales Loukovikas  
**Piano, teclados, acordeão** Filipe Raposo **Clarino, voz** Manos Akhalinotopoulos **Percussão** José Salgueiro **Flautas ney e de bisel, teclados** Harris Lambrakis **Violino, viola, bandolim, buzuqui** Kyriakos Gouventas **Guitarra portuguesa** Ricardo Parreira **Convidados especiais** Outra Voz (Côro criado no âmbito de Guimarães Capital da Cultura pela Área da Comunidade)

O primeiro encontro entre Amélia Muge e Michales Loukovikas deu-se há mais de dois anos. Ela em Portugal, ele na Grécia, nunca mais pararam de trazer, levar e compor ideias e músicas, numa primeira fase exclusivamente via Internet.

*Periplus* representa a viagem deste contemporâneo encontro, onde uma coisa lembra outra que leva a outra ainda, que se desconhece. Homenageia as primeiras circum-navegações que se realizaram à volta da cultura mediterrânica e de todas as outras em contacto com este berço civilizacional.

Construir pontes, abrir janelas, é o que esta viagem-concerto traz de mais empolgante, com a ajuda de excepcionais músicos portugueses e gregos.

Para lá de músicas e poemas originais, recua-se até à música e poesia grega antiga (Primeiro Hino délfico, Hino a Némesis e Epitáfio de Seikilos); revisitam-se temas tradicionais portugueses e gregos; dialoga-se entre o rebético e o fado; evoca-se a morna de Cabo Verde e as canções de embalar e lamentos de ambos os países; descobre-se uma quase idêntica lírica entre um tema galaico-português e uma canção grega oriunda da Ásia Menor. Fazem ainda a viagem poemas de Natália Correia, Ares Alexandrou, Fernando Pessoa, Constantino Cavafy e Hélia Correia.

A Outra Voz são os convidados especiais. Esta participação da sociedade civil é muito especial, no esforço de ligação entre o popular e o erudito, a tradição e a inovação, o antigo e o moderno, a grecofonia e a lusofonia, o longe e o perto.

Amélia Muge and Michales Loukovikas first met more than two years ago. *Periplus* represents the outcome of their international relationship, which began by Internet, building bridges and opening windows between the two Mediterranean cultures. Besides producing their own original songs and poems, they revisit traditional Portuguese and Greek themes, establish a dialogue between *rebetiko* and *fado*, evoke the Cape Verdean *morna* and lullabies from both countries, and breathe fresh life into the work of Portuguese and Greek poets. A Outra Voz will be performing with them as their special guests.

# Geografia e pensamento contraintuitivo

por João Ferrão



TERÇAS-FEIRAS  
6, 13, 20, 27 DE MARÇO

Pequeno Auditório  
18h30 · Entrada gratuita  
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Vivemos um período de transição profunda, marcado por um passado que já não é possível prolongar e por futuros anunciados que não se irão cumprir. A visão unilinear de modernização, progresso e desenvolvimento encontra-se, hoje, profundamente abalada. Pelo contrário, instabilidade e complexidade, imprevisibilidade e contingência, são elementos centrais das sociedades contemporâneas.

Este novo contexto obriga a questionar velhas certezas, a contestar análises, a duvidar de soluções dadas como adquiridas. O pensamento contraintuitivo ganha, assim, um renovado papel. Talvez haja, afinal, mundos que não vemos, alterações que nos escapam. Talvez haja, também, espaços de esperança por identificar e soluções inteligentes por desenvolver. A Geografia tem um contributo a dar para tornar o atual período de transição mais escrutinável e inteligível, mais promissor e melhor gerido. Revelar mundos invisíveis, decifrar dinâmicas territoriais em curso, imaginar espaços desejados e propor soluções adequadas a um globo crescentemente interdependente não são tarefas fáceis. Mas a imaginação e a inteligência geográficas permitem-nos olhar de uma forma inovadora e articulada para o Mundo, a Europa e Portugal. Centrando sucessivamente a atenção em cada um destes espaços, mas adotando sempre uma visão multiescalar, o ciclo *Geografia e pensamento contraintuitivo* procurará ilustrar a importância de olhares geográficos transformadores no atual contexto de crise e transição.

João Ferrão é doutor em Geografia e investigador principal do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Especialista em Geografia Humana, ordenamento do território e desenvolvimento regional e urbano. Coordenou diversos estudos de avaliação de políticas públicas, para o Governo português e a Comissão Europeia. Foi Secretário de Estado do Ordenamento do Território e das Cidades (2005-9).

**6 de março**  
Revelar: o Mundo que não se vê

**13 de março**  
Decifrar: a Europa em transfiguração

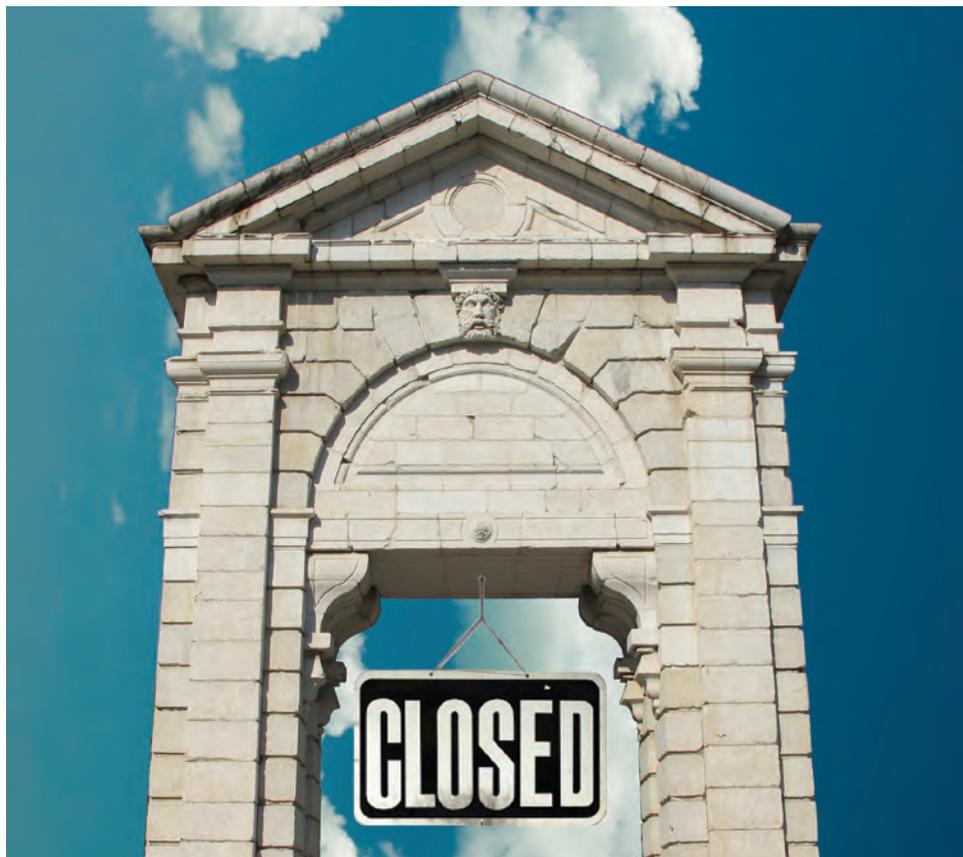
**20 de março**  
Imaginar: Portugal, território de esperança

**27 de março**  
Propor: Quem ordena o território?

We live in a time of transition, marked by a past that can no longer be continued and a future that will certainly not be fulfilled. Our unilinear view of progress has been replaced by instability and complexity, forcing us to question former certainties and affording a new role to counter-intuitive thinking. Perhaps there are worlds we cannot see, changes that escape us. Geographical imagination and intelligence allow us to see the world in an innovative way, adopting a multiscale vision. João Ferrão is a specialist in human geography, land use planning, and regional and urban development.

# Top Models: Paula Sá Nogueira (um bestiário)

Um espetáculo Cão Solteiro & André e. Teodósio



DE QUA 7 A SÁB 10  
DE MARÇO

Palco do Grande Auditório  
21h30 · Duração: 1h  
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Com Paula Sá Nogueira e André e. Teodósio,  
entre outros atores ainda a designar

*What's in a name? That which we call a rose  
By any other name would smell as sweet.*

A História está cheia de nomes: Antígona, António e Cleópatra, Platonov, Hedda Gabler, Gianni Schicchi, e por aí fora. Mera literatura ou terão sido em tempos organismos vitais, biologia? Nunca os conheci e no entanto ocupam o meu condomínio cerebral. É lá que vivem. Domesticam-me. Levam vidas normais e são vizinhos de muitos e tantos nomes, todos eles arquitetos da minha subjetividade, tijolos do meu mundo. Para que o tempo que passa e arrasta consigo o esquecimento não saia a ganhar decidi registar os incógnitos, os meus, aqueles que não se sabe se ficarão para a História, mas que passarão a ter um bilhete de identidade e a pagar quotas. Pelos anos que me restam, vou dedicar-me a este trabalho: transformar os amigos em protagonistas de coisas que ficam por contar. Chamo-lhe TOP MODELS.

*Paula Sá Nogueira* será a segunda habitante a tomar uma forma, depois de *Susana Pomba* (um mito urbano). A forma de um bestiário.

André e. Teodósio

Depois de *Shoot the Freak* em 2010, o Cão Solteiro e André e. Teodósio regressam à Culturgest.

Cão Solteiro é uma casa que habita o interior de uma loja e de várias cabeças. Aí se fabricam ideias, futuros, objetos bonitos e feios, frases, figuras, situações, outras casas imaginadas, segredos públicos, mapas pessoais, saídas de emergência, dívidas, problemas. Cão Solteiro é essencial na sua absoluta inutilidade pública. We Are Not Amused.

André e. Teodósio é membro do Teatro Praga. Encenou teatro e ópera. Escreveu *Cenofobia* para os PANOS 2010.

History is full of names: Antigone, Antony and Cleopatra, Platonov, Gianni Schicchi and so on. Were they once living organisms, biology? I have never met them, and yet they inhabit my mental condominium. So that the time that passes and carries oblivion along with it does not turn out to be the victor, I have decided to record the unknowns, my unknowns. With the years that I have left, I shall devote myself to this task: to transform my friends into the leading actors in things left untold. I'll call it TOP MODELS. *Paula Sá Nogueira* will be the second inhabitant to take shape. The shape of a bestiary.

# Pedro Carneiro e Bernardo Sasseti

SEX 16 DE MARÇO

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h10

18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Marimba, vibrafone e percussão Pedro Carneiro  
Piano Bernardo Sasseti

Pedro Carneiro e Bernardo Sasseti haveriam, um dia, de se encontrar. Os próprios trajetos destes dois músicos ímpares apontavam para tal desfecho. Eis que, finalmente, os vamos poder ouvir juntos.

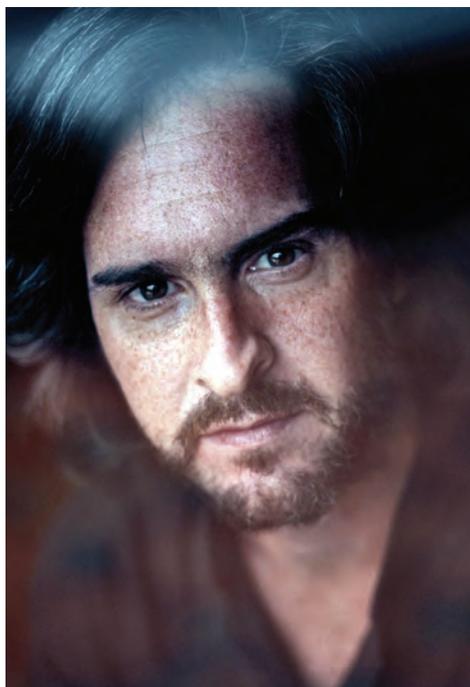
Apontado como um dos mais importantes percussionistas da atualidade, a nível internacional, na área da música erudita, o primeiro tem tido uma atividade paralela junto de improvisadores e músicos de jazz, sendo de apontar os nomes de Louis Sclavis, Michael Mantler, Carlos “Zíngaro”, Jeff Davis, Alexandre Frazão e André Gonçalves.

Por sua vez, um dos mais aplaudidos pianistas do jazz português aproxima-se não raras vezes do universo dito “clássico”, como aconteceu já em algumas das suas composições camerísticas para o cinema e o teatro, nas suas colaborações com Pedro Burmester e Mário Laginha e muito especialmente no álbum *Unreal: Sidewalk Cartoon*, que contou com a participação do ensemble de percussão Drumming.

Ambos são compositores e intérpretes e ambos improvisam, ora dentro de estruturas predefinidas, ora livremente. É neste último âmbito que se concretiza esta parceria inédita – Carneiro e Sasseti propõem-se improvisar em diálogo, indo para onde o momento os levar.

Um momento que, com toda a certeza, fará história, mais uma vez comprovando que não há fronteiras para as linguagens musicais do nosso tempo.

Pedro Carneiro and Bernardo Sasseti were bound to meet one day, and now we can finally hear them together. The former, considered one of the most important present-day percussionists in the world of erudite music, has had a parallel career in jazz; the latter is the most highly regarded Portuguese jazz pianist, whose work frequently comes close to the “classical” universe, most notably in his compositions for film and theatre. In this unprecedented partnership, they will be improvising in dialogue with each other, going wherever the moment takes them and breaking down musical boundaries.



© Nuno Ferreira Santos

# Piracema

de Lia Rodrigues



© Sammi Landweer

QUA 21, QUI 22  
DE MARÇO

Grande Auditório  
21h30 · Duração aprox. 1h  
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Na quarta-feira, dia 21,  
após o espetáculo, haverá  
uma conversa com os artistas  
na Sala 1.

**Direção artística e coreografia** Lia Rodrigues  
**Criado em colaboração com** Amália Lima, Ana Paula Kamozaki,  
Lidia Larangeira, Calixto Neto, Thais Galliac, Jamil Cardoso,  
Leonardo Nunes, Gabriele Nascimento, Paula de Paula, Bruna  
Thimotheo, Francisco Cavalcanti **Dramaturgia** Silvia Soter  
**Colaboração artística** Guillaume Bernardi **Luz** Nicolas Boudier  
**Direção de cena** Magali Foubert **Fotografias** Sammi Landweer  
**Assistente de coreografia** Amália Lima **Figurinos** Astrid Toledo  
**Música** Wave de Tom Jobim, interpretado por Nara Leão  
**Residência de criação** no Théâtre Jean-Vilar de Vitry em março  
de 2011, no âmbito de uma colaboração apoiada pelo Conseil  
Régional d'Ile-de-France **Coprodução** Festival d'Automne –  
Paris, le CENTQUATRE – Paris, Théâtre Jean Vilar de Vitry-sur-  
-Seine, King's Fountain, com o Kaaïtheater e Charleroi/Danses  
por ocasião do Festival Europalia.Brasil – Bélgica, Secretaria de  
Cultura do Estado do Rio de Janeiro em parceria com REDES de  
Desenvolvimento da Maré **Agradecimentos** Bienal de Veneza/  
Departamento de Dança

Nesta nova peça, Lia Rodrigues prossegue o seu trabalho sobre a noção de coletivo e as complexas relações entre o grupo e o indivíduo. Este questionamento era já um elemento chave de *Pororoca* (que a Culturgest apresentou no seu Grande Auditório em abril de 2010), mas, neste novo projeto com onze intérpretes, a coreógrafa usa como ponto de partida as histórias pessoais, histórias que misturam a vida quotidiana e o sonho, abordando o coletivo do ponto de vista do indivíduo, da sua percepção singular das coisas e dos seus estados corporais singulares.

Lia Rodrigues nasceu e estudou dança no Brasil. Fez parte da companhia da coreógrafa francesa Maguy Marin. Em 1990 fundou no Rio de Janeiro a Lia Rodrigues Companhia de Danças. Recebeu numerosos prémios no Brasil e no estrangeiro. Criou o festival anual de dança contemporânea Panorama Rioarte de Dança, que dirigiu até 2005.

Em parceria com a REDES, instalou a sua companhia na Favela da Maré, onde desenvolve o projeto artístico “Residência Resistência” e onde desenvolveu as criações *Encarnado* (2005) e *Pororoca* (2009), grandes êxitos internacionais.

In this new piece, Lia Rodrigues continues her work upon the idea of the collective and the complex relationship between the group and the individual, which was already a key element in *Pororoca* (presented at Culturgest in April 2010). In this new project, the choreographer bases her work on personal histories, a mixture of daily life and dream, approaching the collective from the point of view of individuals, and their singular perception of things and their singular bodily states. Lia Rodrigues was born and studied dance in Brazil and has been awarded countless prizes for her work.

# délibáb

Vitor Ramil



© Ana Ruth

SÁB 31 DE MARÇO

Grande Auditório  
21h30 · Duração: 1h20  
20€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Voz e violões Vitor Ramil Violão Carlos Moscardini

Um ano após o espetáculo a solo de retrospectiva das canções mais emblemáticas da sua carreira, o compositor e escritor brasileiro Vitor Ramil regressa à Culturgest, agora na companhia do prestigiado violonista argentino Carlos Moscardini, músico que o acompanhou na gravação do seu último trabalho discográfico, um belíssimo disco de milongas (ritmo comum ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina) a que chamou: *délibáb* (déli/do sul + báb de bába/ilusão).

Inteiramente baseado neste trabalho que reúne doze milongas, compostas por Ramil a partir de seis poemas do argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) e de seis versos do gaúcho João da Cunha Vargas (1900-1980), Vitor Ramil constrói o universo deste espetáculo, com a cumplicidade e o talento de Carlos Moscardini. Sobre essa colaboração escreveu Vitor: “Estamos de acordo que nossas músicas pertencem a uma mesma querência, que se projetam uma na outra, que se completam e se justificam. Nossos violões parecem achar o mesmo. Se o meu é uma planície, *el cielo al revés*, de Yupanqui; o dele, é um pensamento que vai longe. Se o meu tem o rigor minimalista do aço; o dele apresenta a doçura crioula do nylon”.

Os poemas de Jorge Luis Borges foram originalmente publicados no seu livro *Para Las Seis Cuerdas*, e os versos de João da Cunha Vargas, registados pela sua voz em fita, só posteriormente foram publicados no seu único livro *Deixando O Pago*. A cidade e o campo, o erudito e a cultura popular, conjugados na música de Vitor Ramil. Guardadas as imensas diferenças de vida e obra dos dois poetas, as suas imagens projetam-se nitidamente no horizonte de um Sul mítico: a ilusão do Sul.

*délibáb* foi considerado um dos 10 Melhores Espetáculos pelo jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro e pela *Folha de São Paulo*, e um dos Melhores Discos do Ano pela revista brasileira *Veja*, *Rolling Stone* (Brasil) e pelos órgãos de comunicação argentinos *Diario La Nación*, e *Revista Ñ* do *Diario Clarín*.

A year after his retrospective solo concert, the Brazilian writer and composer Vitor Ramil returns to Culturgest, accompanied by the prestigious Argentinean violinist Carlos Moscardini, who played with him on his latest album: *délibáb*. In this concert, Vitor Ramil will construct a universe based entirely on this work, consisting of twelve *milongas* that he composed from six poems by Jorge Luis Borges and six by João da Cunha Vargas (1900-1980), with the help of Carlos Moscardini. *délibáb* was considered one of the ten best concerts and one of the best albums of the year in Brazil and Argentina.

**Exposições**

# Livraria de arte



© DMF

Em fevereiro do ano passado, a Culturgest abriu uma livraria especializada em arte contemporânea. É uma pequena livraria que vai crescendo gradualmente e cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest. Um dos propósitos da livraria é contextualizar o programa de exposições da Culturgest, e por isso ela compreende muitas publicações de artistas que aqui expuseram o seu trabalho: por exemplo, Mark Manders, Kees Goudzwaard, Jean-Luc Moulène, Walid Raad, Francisco Tropa, Frances Stark, Willem Oorebeek, Joëlle Tuerlinckx, Matt Mullican, Peter Fischli e David Weiss, Hans-Peter Feldmann, Rachel Harrison, ou Batia Suter. Mas nela se encontram também representados outros artistas: Eva Hesse, Dan Graham, Cosima von Bonin, Isa Genzken, Blinky Palermo, Aglaia Konrad, Stanley Brouwn, ou Marcel Broodthaers, para dar apenas alguns exemplos. A livraria inclui uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de teoria e história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão (Yale University Press, MIT Press, University of California Press,

Walther König, JRP Ringier, Steidl) repartem as prateleiras com projetos editoriais de escala mais reduzida (por exemplo, Roma Publications, Ridinghouse, ou Sternberg Press) ou mesmo de muito pequena dimensão (Primary Information ou Occasional Papers). As publicações são disponibilizadas a preços muito tentadores, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

Last year, in February, Culturgest opened a bookshop that specialises in contemporary art. It is a small bookshop that will gradually grow in size and whose items are very carefully selected, based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, Culturgest's own publications are all to be found here. Since one of the aims of this bookshop is to establish a support framework for the Culturgest exhibition programme, it includes many publications relating to artists who have already exhibited their work here: for example, Mark Manders, Kees Goudzwaard, Jean-Luc Moulène, Walid Raad, Francisco Tropa, Frances Stark, Willem Oorebeek, Joëlle Tuerlinckx, Matt Mullican, Peter Fischli and David Weiss, Hans-Peter Feldmann, Rachel Harrison, and Batia Suter. But other artists are also well represented here: Eva Hesse, Dan Graham, Cosima von Bonin, Isa Genzken, Blinky Palermo, Aglaia Konrad, Stanley Brouwn, and Marcel Broodthaers, just to give a few examples. The bookshop

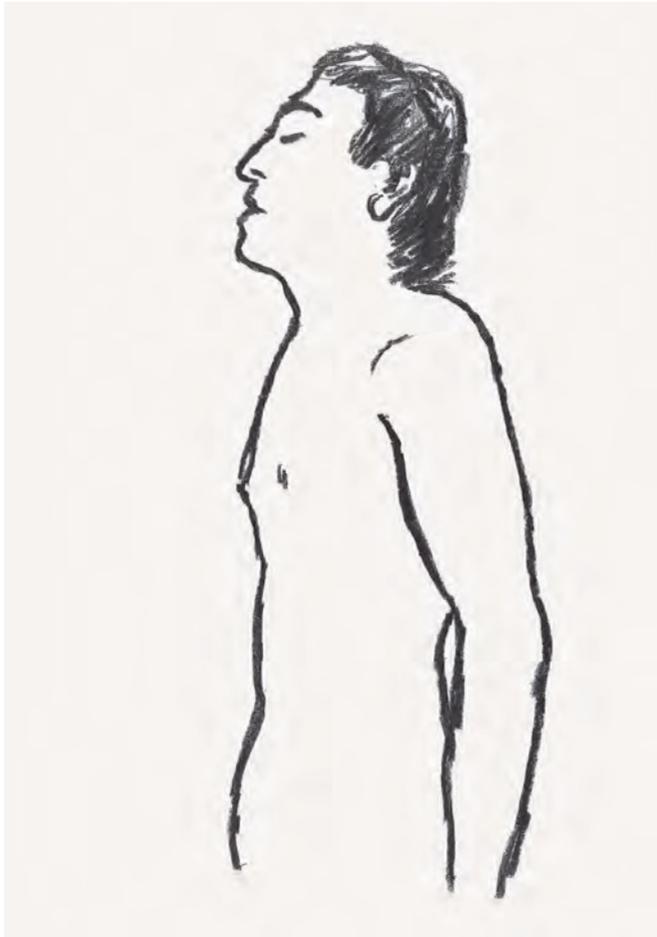
includes a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications that can sometimes be grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; large-scale publishers (Yale University Press, MIT Press, University of California Press, Walther König, JRP Ringier, Steidl) share shelves with lesser-sized publishing projects (for example, Roma Publications, Ridinghouse, or Sternberg Press) or even very small publishers (Primary Information or Occasional Papers). The publications are placed on sale at very tempting prices, so that we can share them with as many people as possible.

Aberta de segunda a sexta-feira, das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h. Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições. Telefone: 21 790 51 55

# José Loureiro

As Piores Flores: Desenho 1990-1996

The Worst Flowers: Drawing 1990-1996



Sem título, 1991

ATÉ 22 DE JANEIRO

Galerias 1 e 2

2€

As bilheteiras, as galerias e a livraria estarão encerradas no dia 1 de janeiro.

Curadoria Miguel Wandschneider

Sob um título enigmático, que evoca (de forma nada inocente) o título do célebre livro de poemas de Baudelaire, *As Flores do Mal*, esta exposição congrega cerca de 300 desenhos, escolhidos de um total de mais de 1500, que José Loureiro (Mangualde, 1961) realizou entre 1990 e 1996. Quase todos estes desenhos ficaram arredados do olhar do público, guardados nas gavetas do *atelier* do artista – vários guaches com “bocas” de 1990 e alguns guaches com “bolas” de 1996 são as exceções. E no entanto, são tudo menos obras menores; pelo contrário, estamos diante de um corpo de trabalho fundamental na prática do artista nesses anos, e determinante, além do mais, para poder compreender (finalmente) a pesquisa que o levou do campo da figuração para o campo da abstração, onde o seu trabalho se tem inscrito desde meados da década de 1990. Os desenhos impressionam pelo modo como resistiram incólumes à passagem do tempo, como ganharam mesmo importância com a passagem dos anos; e surpreendem pela enorme diversidade de temas e motivos, de técnicas e de registos estilísticos a que o artista recorre, numa pesquisa obsessiva e solitária. A exposição está organizada segundo um clarificador critério cronológico. Assim, à medida que avançamos, que passamos de uma sala para a seguinte, de uma série de desenhos para outra, vamos seguindo a par e passo os caminhos por ele outrora explorados.

This exhibition's enigmatic title is a (far from innocent) evocation of the title of Baudelaire's famous book of poetry, *Les Fleurs du Mal*. The exhibition brings together roughly 300 drawings, chosen from a total of more than 1500, which José Loureiro (Mangualde, 1961) made between 1990 and 1996. Almost all of these drawings have been kept well away from the public gaze in drawers at the artist's studio, the exceptions being various gouaches with “mouths” from 1990 and a few gouaches with “balls” from 1996. And yet they are all far from being minor works; on the contrary, we are faced with a body of work that was fundamental in the artist's practice during these years, and is crucial for our (finally) being able to understand the research that led him from the field of figuration to the field of abstraction, around which his work has been centred since the mid-1990s. The drawings have withstood the passage of time and have even gained in importance since then. What is most impressive is the way the artist explores an enormous range of themes and motifs, stylistic registers and techniques, through his obsessive and solitary research. The exhibition is organised according to a chronological and clarifying criterion. Thus, as we move forward from one room to the next, from one series of drawings to another, we are equally following the paths previously explored by him.

# Michael E. Smith



DE 25 DE FEVEREIRO  
A 13 DE MAIO

Inauguração:  
24 de fevereiro, 22h

Galeria 1  
2€

Curadoria Miguel Wandschneider

As esculturas e pinturas de Michael E. Smith (Detroit, 1977) encerram um sentido de catástrofe que, numa primeira aproximação ao trabalho, não sabemos exatamente a que atribuir. Feitas com objetos comuns gastos pelo uso, e por vezes tornados irreconhecíveis, as esculturas parecem dar testemunho de uma violência extrema e irreparável que sobre esses “corpos” se abateu. Construídas com materiais industriais, muito distantes dos materiais tradicionais da pintura, as superfícies das pinturas monocromáticas parecem ter sido massacradas, mortificadas, calcinadas. O modo rarefeito como o artista instala os seus trabalhos no espaço expositivo mais acentua essa impressão de ruína, de abandono, de perda. Se soubermos que Michael E. Smith cresceu e ainda hoje vive em Detroit, uma cidade devastada pela degradação acelerada e por uma pobreza endémica, resultantes da falência dos setores industriais tradicionais, e em especial da indústria automóvel, encontramos aí uma chave de leitura fundamental para o seu trabalho enquanto sintoma do trauma associado a uma realidade social e económica (de que Detroit é o exemplo extremo) que desmente, à frente dos nossos olhos, as ilusões e os mitos dos Estados Unidos da América (das sociedades pós-industriais em geral) como lugar de oportunidades e de bem-estar partilhados. E se soubermos que o artista teve, desde muito novo, uma forte imersão na cultura *hip-hop*, ficamos na posse de outra chave de leitura importante para entender a combustão criativa, algumas referências oblíquas e as atitudes que se expressam no seu trabalho. Michael E. Smith expõe na Culturgest na sequência da sua exposição em 2010 na Galeria KOW, em Berlim, que deu a conhecer o seu trabalho na Europa, e nas vésperas da sua participação na Bienal de Whitney, em Nova Iorque, um indicador apenas, entre outros, do crescente interesse que o seu trabalho tem vindo a suscitar na cena artística internacional.

The sculptures and paintings produced by Michael E. Smith (Detroit, 1977) encapsulate a sense of catastrophe that, on our first encounter with his work, we are unable to work out exactly where it stems from. The rarefied way in which he installs his works further accentuates this impression of ruin, abandonment and loss. Knowing that the artist lives in Detroit, a city devastated by the rapid decline and endemic poverty resulting from the collapse of its traditional industrial sectors, in particular the automobile industry, we can find there the key to a fundamental reading of his work as a symptom of the trauma associated with a social and economic reality that, before our very eyes, contradicts the illusions and myths of the USA (and of post-industrial societies in general) as a place of shared opportunities and well-being.

Visita guiada por  
Miguel Wandschneider  
Sábado, 21 de abril, 17h

# Katinka Bock

Personne

DE 25 DE FEVEREIRO  
A 13 DE MAIO

Inauguração:  
24 de fevereiro, 22h

Galeria 2  
2€

Curadoria Miguel Wandschneider

Uma preferência por materiais comuns (por exemplo, barro, madeira, metal ou tecido) e uma rigorosa economia de gestos e de procedimentos na manipulação desses materiais são aspetos transversais ao trabalho de Katinka Bock (Frankfurt am Main, 1976). Simples e não raramente austeras nos seus materiais e nas suas formas, dotadas de uma intensa energia e de um subtil poder evocativo, as suas esculturas concretizam e condensam o processo de pensamento que lhes deu origem. As ressonâncias e os sentidos que elas produzem ou propiciam não dependem apenas das suas propriedades físicas, mas também, e de modo decisivo, da sua interação com um determinado espaço expositivo – obedeçam ou não a lógicas de *site specificity* – e das relações que estabelecem entre elas nesse espaço. Contudo, mesmo quando se relacionam explicitamente com o espaço e com outras obras, as suas esculturas são eminentemente introspetivas, convidando o espectador a um estado de recolhimento interior. Reunindo peças muito recentes, e em vários casos inéditas, esta exposição dá a conhecer ao público português uma artista que, nos últimos cerca de quatro anos, tem vindo a construir uma posição de referência no contexto das práticas de escultura atuais. Nos últimos anos, Katinka Bock realizou exposições individuais em França (Centre d'art contemporain de la Synagogue de Delme, 2008; Galerie Jocelyn Wolff, Paris, 2009), na Holanda (De Vleeshal, Middelburg, 2009) e na Alemanha (Kunstverein Nürnberg, 2009; Kunstmuseum Stuttgart, 2010; galeria Meyer Riegger, Karlsruhe, 2011), para mencionar algumas.

A preference for everyday materials and a strict economy of gestures and procedures in their manipulation are among the aspects commonly found in the work produced by Katinka Bock (Frankfurt am Main, 1976). Her sculptures are simple and frequently austere in both their materials and forms, being endowed with an intense energy and a subtle evocative power that embodies and condenses the thought process leading to their creation. The resonances and feelings that they produce or favour depend not only on their physical properties, but also (and most decisively) on their interaction with a particular exhibition space – whether or not they obey the logics of site specificity. However, even when they are explicitly related with the space and with other works, her sculptures are eminently introspective, inviting the spectator to withdraw into innermost meditation. Bringing together some of her most recent works, this exhibition presents the Portuguese audience with an artist who, for roughly the past four years, has been gradually consolidating her position as a major reference in the context of present-day sculptural practices.



Winterlandschaft mit Hut, 2011 · Cortesia Meyer Riegger, Karlsruhe/Berlim · Fotografia: Trevor Lloyd

Visita guiada por  
Miguel Wandschneider  
Sábado, 24 de março, 17h

# Willem Oorebeek

Blackout KATALOG

CULTURGEST PORTO  
ATÉ 4 DE FEVEREIRO

Entrada gratuita

Visitas guiadas a grupos  
escolares e/ou organizados  
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:  
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121  
susana.sameiro@cgd.pt

Curadoria Miguel Wandschneider

O trabalho de Willem Oorebeek (Pernis, Holanda, 1953) emerge repetidamente de um fascínio pela onnipresença e pelos diferentes usos da imagem e do texto impressos na sociedade contemporânea. A escolha dos meios de impressão para a realização do seu trabalho – sendo de sublinhar, a este respeito, a notável exploração do processo material de impressão litográfica – revela-se assim instrumental, não só por relação com o assunto das obras, mas também para explorar questões que desde sempre lhe interessaram, como as da reprodução, repetição, autoria e originalidade.

Nos últimos cerca de dez anos, a prática artística de Oorebeek incidiu sobretudo numa extensa, e ao limite interminável, série de obras intitulada *BLACKOUT*. O artista começa por selecionar pedaços de material impresso que circulam no domínio público da comunicação de massas, com base em critérios eminentemente subjetivos – de atração, afeição ou afinidade. Depois, com a prensa litográfica que tem no seu *atelier*, imprime sobre cada uma dessas imagens uma camada de tinta negra. Oorebeek parece decretar a sua morte, mas na realidade resgata-as do seu destino inexorável: o desaparecimento. E o que pode ser entendido como um ato de apagamento é simultaneamente um processo de sublimação. As imagens prestam-se agora a uma perceção lenta e a uma atenção concentrada.

Willem Oorebeek regressa à Culturgest, depois da exposição antológica que aqui realizou no verão de 2008. E regressa com uma obra extraordinária, realizada este ano, na qual obscurece (ilumina) um catálogo de desenhos de Roy Lichtenstein – uma escolha inesperada, mas que se revela em absoluta sintonia com as preocupações e questões que atravessam todo o seu trabalho.

The work of Willem Oorebeek (Pernis, Holland, 1953) issues out of a fascination with the omnipresence and multiple uses of the printed image and text in contemporary society. The choice of print media in his practice – most notably his remarkable exploration of the material process of lithographic printing – is thus instrumental not only in relation to the subject matter of the works, but also in order to deal with issues that have always interested him, such as reproduction, repetition, authorship and originality.

Willem Oorebeek now returns to Culturgest, after the anthological exhibition that he held here in the summer of 2008. And this time he comes with an extraordinary work, produced this year, in which he blacks out (illuminates) a catalogue of drawings by Roy Lichtenstein – an unexpected choice, but one which shows itself to be completely in tune with the issues and concerns that run throughout all his work.

# Jos de Gruyter e Harald Thys

Objetos como Amigos

Objects as Friends



CULTURGEST PORTO

DE 3 DE MARÇO

A 19 DE MAIO

Inauguração:

2 de março, 22h

Entrada gratuita

Curadoria Miguel Wandschneider

Jos de Gruyter (Geel, Bélgica, 1965) e Harald Thys (Wilrijk, Bélgica, 1966) trabalham em conjunto desde o final da década de 1980. Ao longo dos anos, produziram numerosas obras em vídeo, pelas quais são mais conhecidos, mas o seu trabalho engloba também, com frequência, fotografias, esculturas e desenhos. Inspirando-se na realidade quotidiana, Jos de Gruyter e Harald Thys fazem uso de um humor absurdo para construir mundos paralelos, obscuros, povoados de intrigantes personagens, oferecendo assim um retrato (caricatural) impiedoso da condição humana. No final de 2009, a Culturgest desvendou o trabalho destes artistas através de uma exposição composta por dois vídeos, um conjunto de esculturas em barro e uma pequena série de fotografias a preto e branco. Dois anos e meio volvidos, Jos de Gruyter e Harald Thys expõem agora na galeria da Culturgest no Porto uma série de 176 fotografias a cores, estranhas composições de objetos quotidianos, captados contra um fundo cinzento e sob uma luz crua, com as quais se aventuram, à sua maneira muito particular (mas remanescente de algumas séries fotográficas dos suíços Fischli/Weiss), pelo género da natureza-morta. Esta exposição é organizada em colaboração com Kestnengesellschaft, em Hanôver, e Muzée, em Oostende.

Jos de Gruyter (Geel, Belgium, 1965) and Harald Thys (Wilrijk, Belgium, 1966) have been working together since the end of the 1980s. Over the years, they have produced countless videos, for which they are best known, but their work also frequently includes photographs, sculptures and drawings. Seeking their inspiration in everyday reality, Jos de Gruyter and Harald Thys make use of an absurd humour to construct obscure parallel worlds inhabited by intriguing characters, thereby offering a merciless (and caricatural) portrait of the human condition. At the end of 2009, Culturgest unveiled the work of these artists through an exhibition composed of two videos, a set of clay sculptures and a small series of black and white photographs. Two and a half years later, Jos de Gruyter and Harald Thys are now exhibiting at the Culturgest Gallery in Porto a series of 176 colour photographs, strange compositions of everyday objects, captured against a grey background and under a harsh light, with which, in their own very particular way (reminiscent of some of the photographic series of the Swiss duo Fischli/Weiss), they venture into the genre of still life. This exhibition is organised in association with Kestnengesellschaft, in Hanover, and Muzée, in Ostend.

Visitas guiadas a grupos  
escolares e/ou organizados  
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:

Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121

susana.sameiro@cgd.pt

# Ana Santos



Vista de instalação, *Sem título*, 2011

**CHIADO 8**  
DE 23 DE JANEIRO  
A 30 DE MARÇO

Inauguração:  
20 de janeiro, 22h

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

Numa época em que a maioria das imagens e dos objetos vem encapsulada numa retórica que tantas vezes lhe é extrínseca, as obras de Ana Santos (Espinho, 1982) parecem-nos estranhamente mudas. Embora possamos entreter a hipótese de estarmos perante corpos puramente abstratos e de ser essa a razão do seu mutismo, não podemos, todavia, deixar de reconhecer que há neles algo de familiar. Por um lado, esta sensação justifica-se pelo facto de muitos destes corpos terem sido, um dia, produtos plenamente funcionais como guarda-chuvas, arquivadores, *dossiers* ou *hula hoops*, agora intervencionados e recombinaados pela artista. Por outro lado, e a par dos resultados desta estratégia apropriacionista, o trabalho de Ana Santos integra também um conjunto de obras nascidas por intermédio da transformação direta de materiais como a madeira, o mármore ou o chumbo e cujas formas finais parecem constituir signos de um léxico ainda por determinar mas já carregado de um claro sentido.

A adoção descomplexada destas duas estratégias produtivas coloca o trabalho de Ana Santos na fronteira entre as grandes tradições escultóricas da modernidade. Porém, longe de se embrenhar num diálogo com a história deste meio ou com as suas múltiplas ambições, a sua obra ganha singularidade no modo rigoroso como coloca cada um destes objetos nesse ponto de estranha familiaridade capaz de os revestir, a um tempo, de um poder fundador, de um carácter alegórico e de uma função litúrgica. A exposição que agora se apresenta no Chiado 8 trata desse efeito para lá de toda a retórica, dessa mudez produtiva que define um campo de ação e que requer participantes muito mais do que espectadores.

At a time when most images and objects are encapsulated in a rhetoric that is so often extrinsic to them, the works of Ana Santos (Espinho, 1982) seem to us to be strangely silent. Although we may entertain the hypothesis that we are confronted with purely abstract bodies and that this is the reason for their silence, we cannot, however, avoid acknowledging that there is something familiar about them.

Floating between the appropriation of pre-existing objects and the direct transformation of materials such as wood, marble or lead, this artist's production is situated on the frontier among the great sculptural traditions of modernity. Nonetheless, far from becoming lost in a dialogue with the history of this medium or with its multiple ambitions, her work gains a uniqueness in the rigorous way in which she places each of her objects at that point of strange familiarity, capable of affording them, at one and the same time, a foundational power, an allegorical character and a liturgical function.

# Zona Letal, Espaço Vital

Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos



Rosângela Rennó, *Experiência de cinema (pormenor)*, 2004-2005. Cortesia da artista · Fotografia: Ding Musa

m|j|mo - museu da  
imagem em movimento/  
Município de Leiria

De 21 de janeiro a 14 de abril  
Inauguração: 21 de janeiro, 16h

Entrada: 2,03€

Consulte descontos em  
<http://mimo.cm-leiria.pt>

m|j|mo - museu da  
imagem em movimento/  
Município de Leiria

Largo de São Pedro – Cerca  
do Castelo, 2400-235 Leiria

Tel. 244 839 675

[mimo@cm-leiria.pt](mailto:mimo@cm-leiria.pt)

<http://mimo.cm-leiria.pt>

Horário: de 2ª a 6ª das 9h

às 12h30; das 14h às 17h30

Sábado das 14h às 18h

Curadoria Sara Antónia Matos

O projeto de itinerância da Coleção da Caixa Geral de Depósitos apresenta a sua terceira edição. A exposição *Zona Letal, Espaço Vital* procura aproximar o espectador de algo a que geralmente não tem acesso: o processo criativo. Sabendo que este não é rígido nem visível e que cada artista desenvolve procedimentos singulares de criação, pretendeu mostrar-se que as obras não são o resultado de um desenvolvimento linear. A exposição é também o terreno onde o limite e a possibilidade de diálogo entre o corpo e as obras são testados. Deste modo, desafia-se o espectador a fazer resgates na memória e a usar o saber do seu corpo para apreender as múltiplas dimensões do espaço.

A terceira e última apresentação de *Zona Letal, Espaço Vital* terá lugar no m|j|mo – museu da imagem em movimento/ Município de Leiria. Serão apresentadas obras de André Cepeda, Armanda Duarte, Carmela Gross, Fernando Calhau, Francisco Tropa, João Penalva, José Pedro Croft, Marcos Coelho Benjamim, Michael Biberstein, Noronha da Costa, Pedro Cabrita Reis, Ricardo Jacinto, Rosângela Rennó, Rui Sanches, Rui Toscano, Valeska Soares, Waltercio Caldas e Zulmiro de Carvalho.

A exposição é acompanhada pela edição de um catálogo e atividades educativas dirigidas a públicos diversos.

Culturgest presents the third edition of the travelling exhibition of the Coleção da Caixa Geral de Depósitos. The exhibition, *Lethal Zone, Vital Space*, attempts to bring to the spectator something to which s/he does not usual have access: the creative process. Bearing in mind that such a process is neither fixed nor visible, and that each artist develops individual creative procedures, our aim was to explore the ways in which works are not the outcome of a linear process. The exhibition is also the terrain where the parameters and the possibilities of dialogue between works and bodies are tested. In this way, the spectator is challenged to redeem memory and to utilise the body's intelligence in order to apprehend the multiple dimensions of space.

The third presentation of *Lethal Zone, Vital Space* will be shown at the m|j|mo – museu da imagem em movimento/ Município de Leiria. Artists included are: André Cepeda, Armanda Duarte, Carmela Gross, Fernando Calhau, Francisco Tropa, João Penalva, José Pedro Croft, Marcos Coelho Benjamim, Michael Biberstein, Noronha da Costa, Pedro Cabrita Reis, Ricardo Jacinto, Rosângela Rennó, Rui Sanches, Rui Toscano, Valeska Soares, Waltercio Caldas and Zulmiro de Carvalho. The exhibition is accompanied by a catalogue and educational activities for diverse publics.

Esta exposição está patente  
no Museu Municipal de Tavira/  
Palácio da Galeria até ao dia  
7 de janeiro.



**Serviço Educativo**

## Atividades exclusivas para professores

### IndieJúnior'12 – Festival IndieLisboa

Marcação prévia

Ainda falta algum tempo para o festival... Mas, para que os professores e educadores não sejam apanhados desprevenidos, quisemos fazer uma antevisão do festival apenas para eles! O festival decorre entre 26 de abril a 6 de maio de 2012.



#### Antevisão do festival, exclusiva para professores

**Quarta-feira, 25 de janeiro, 18h30**

Sessão exclusiva para professores e educadores. Encontro de reflexão e debate sobre estratégias, vantagens e metodologias de inclusão do cinema nas aprendizagens na escola. Relato de experiências anteriores e presença de alguns artistas, realizadores, professores e outros convidados.

#### Ação de formação, exclusiva para professores

**Quarta-feira, 14 de março, 18h30**

Sessões gratuitas, exclusivas para professores e educadores.

#### O olhar de quem realiza (en)contra o olhar de quem ensina

Como pensa um realizador? É um estratega, um artista ou ambos? Identifica validade pedagógica nos seus filmes? Preocupa-se com a interpretação das suas obras? O que poderá ser útil – como ferramenta na sala de aula – na forma como pensa e concebe as suas peças? Por estas e muitas outras inquietações convidámos um realizador e um psicólogo educacional para, em conjunto com os professores, revermos algumas curtas metragens à luz destes dois pontos de vista.

#### Outras ações de formação no decorrer do festival

No decorrer do festival teremos duas outras ações de formação – exclusivas para professores – com a presença de alguns realizadores com filmes apresentados no IndieLisboa'12.

## Antevisão do 2º e 3º períodos

Marcação prévia · Entrada gratuita

#### Antevisão da exposição, exclusiva para professores

**Quinta-feira, 23 de fevereiro, 18h30**

Convidámos alguns professores e artistas para, partilhando as suas boas e más experiências em educação formal e não-formal, criarem um ambiente de troca de ideias e debate que possibilite ouvir todos os participantes. Uma exposição poderá ser material de trabalho na escola? Como tornar a experiência e vivência da exposição um momento inesquecível?

#### Recursos pedagógicos

Audioguide gratuito disponível em [www.culturgest/se](http://www.culturgest/se)  
Mala pedagógica digital disponível após marcação da visita.  
Consulte também a nossa publicação dedicada às escolas.



## Atividades para adultos

### (Per)Cursos com arte

Duração aproximada: 1h30 · Marcação prévia · 3€ (preço por sessão)

Breves aulas de História da Arte concebidas para melhor compreender a Arte dos nossos dias.

#### Afinal o que é a “escultura no campo expandido”?

Segunda-feira, 16 de janeiro, 12h30  
Com Ana Gonçalves

#### Existe uma “crise” do retrato?

Segunda-feira, 13 de fevereiro, 12h30  
Com Bruno Marques

#### Escultura contemporânea, entre poética e política

Segunda-feira, 19 de março, 12h30  
Com Ana Gonçalves

## Percursos e conversas na galeria

Requerem apenas o bilhete de entrada nas exposições

### José Loureiro

Até 22 de janeiro

Galerias 1 e 2

Para mais informações  
ver páginas 60 e 61



### À hora de almoço...

Visitas à exposição, comentadas e gratuitas,  
com diferentes autores e percursos.

**Visita “cardápio”** com Ana Teresa Magalhães  
Quinta-feira, 12 de janeiro, 13h10

**Visita “à la carte”** com Susana Alves  
Quarta-feira, 18 de janeiro, 12h10

**Visita “expresso”** com Ana Gonçalves  
Quarta-feira, 11 de janeiro, 12h10  
Quinta-feira, 19 de janeiro, 13h10

**Visita guiada “à moda antiga”**  
Domingo, 22 de janeiro de 2012, 17h

### À hora de almoço...

Visitas à exposição, comentadas e gratuitas,  
com diferentes autores e percursos.

**Visita “cardápio”** com Ana Teresa Magalhães  
Quinta-feira, 1 de março, 13h10

**Visita “à la carte”** com Susana Alves  
Quarta-feira, 7 de março, 13h10

**Visita “expresso”** com Ana Gonçalves  
Quinta-feira, 15 de março, 13h10

**Visita guiada “à moda antiga”**  
Domingo, 11 de março, 17h

**Percurso disruptivo (ex-visita guiada)**  
Olhares autorais e percursos temáticos pela exposição

**Com Ana Gonçalves**  
Sábado, 3 de março, 17h30  
(ou noutra data, com marcação prévia)

**Com Susana Alves**  
Sábado, 17 de março, 17h30  
(ou noutra data, com marcação prévia)

### Michael E. Smith

De 25 de fevereiro

a 13 de maio

Galeria 1

Para mais informações  
ver páginas 62 e 63



### Katinka Bock

De 25 de fevereiro

a 13 de maio

Galeria 2

Para mais informações  
ver páginas 64 e 65



### À hora de almoço...

Visitas à exposição, comentadas e gratuitas,  
com diferentes autores e percursos.

**Visita “à la carte”** com Susana Alves  
Quarta-feira, 29 de fevereiro, 12h10

**Visita “cardápio”** com Ana Teresa Magalhães  
Quarta-feira, 8 de março, 12h10

**Visita “expresso”** com Ana Gonçalves  
Quarta-feira, 21 de março, 12h10

**Visita guiada “à moda antiga”**,  
Domingo, 11 de março, 18h

**Percurso disruptivo (ex-visita guiada)**  
Olhares autorais e percursos temáticos pela exposição

**Com Ana Gonçalves**  
Sábado, 3 de março, 18h30  
(ou noutra data, com marcação prévia)

**Com Susana Alves**  
Sábado, 17 de março, 18h30  
(ou noutra data, com marcação prévia)

## Atividades exclusivas a profissionais de museus e centros culturais

### Acessibilidade nos museus - uma visão integrada (curso)

Duração total do curso: 24h · Marcação prévia · 65€ · Confere direito a certificado de participação

Coordenação: Maria Vlachou,  
GAM e apoio do serviço  
educativo da Culturgest

Segundas-feiras,  
de 31 de janeiro a 2 de abril,  
17h30-20h30

Em colaboração com:



#### Módulos (8 sessões)

Introdução · Acessibilidade ao edifício · Design de exposições  
Internet · Guias multimédia · Textos e legendas · Réplicas,  
maquetas e relevos · Serviços e recursos humanos

#### Formadores

Clara Mineiro, Fátima Alves, João Herdade, Jorge Fernandes,  
Josélia Neves, Patrícia Roque Martins, Pedro Homem Gouveia



**Guia áudio disponível**  
Solicite-os, gratuitamente,  
junto à entrada da exposição.

### Celebra o teu dia de anos com arte

Entrada gratuita para os pais · Para grupos organizados (mínimo 10 crianças, máximo 20 crianças)  
Dos 5 aos 12 anos · Marcação prévia · 185€ (por grupo)

Dentro da galeria de arte ou com expressões artísticas variadas estas oficinas oferecem a possibilidade de uma festa fora do comum, com partidas e aventuras inesquecíveis para todos!

**Novas atividades, mais expressões artísticas, novos colaboradores e novos temas!**  
Nesta temporada temos novas oficinas para propor.

**Enquanto os mais novos se divertem... desafie os outros pais!**  
Enquanto o grupo de crianças está na oficina, convide os outros pais para uma atividade. Preparámos um evento especial, divertido e envolvente, dedicado a adultos. Sabia que têm sido um sucesso?

### Férias da Páscoa na Culturgest

De 26 a 30 de março · De 2 a 4 de abril · Dos 5 aos 7 anos · Dos 8 aos 12 anos · Marcação prévia

Oficinas de 5 sessões (de manhã ou de tarde) · 43€  
Oficinas de 3 sessões (de manhã ou de tarde) · 26€  
Desconto de 30% aos colaboradores da CGD e na inscrição do segundo filho (desconto não acumulável).  
Almoço disponível para inscrições de dia inteiro.  
Inscrição prévia.  
Lotação limitada.  
O desconto não é aplicável ao valor do almoço.

Possibilidade de acolhimento das crianças no horário entre as 9h e as 10h e as 17h30 e as 18h30 · 2,50€ · Taxa adicional diária. Inscrição prévia.  
Lotação limitada.

[Dia 1 de fevereiro, no nosso site, descubra como vão ser estas oficinas...](#)

**O VAZIO**  
**Vácuo, oco, vazio ou sopro.**  
**Não lhe conseguimos tocar, mas é com ele que vamos jogar.**  
**Oficinas de expressões artísticas**

*O vazio é um conceito utilizado ao longo de todo o século XX em inúmeros projetos artísticos. Serão os nossos miúdos capazes de entrar neste jogo conceptual? Temos a certeza que sim.*

**Dos 5 aos 7 anos**  
das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30

**Dos 8 aos 12 anos**  
das 10h às 13h e das 14h30 às 17h30

[www.culturgest.pt/se](http://www.culturgest.pt/se)  
Ou solicite o programa mensal do serviço educativo através do e-mail: [culturgest.servicoeducativo@cgd.pt](mailto:culturgest.servicoeducativo@cgd.pt)

### Debates, conversas e jogos dentro da galeria

Duração aproximada: 1h15 · Marcação prévia · 1 Euro

**José Loureiro**  
**Até 22 de janeiro**  
**Galerias 1 e 2**  
Para mais informações ver páginas 60 e 61



**Riscos e rabiscos, estranhezas e outros imprevistos**  
**Pré-escolar**

Quando risco estou a pensar? De um rabisco pode surgir um imprevisto? Que prazer é desenhar, descobrir novas cores, formas escondidas, por vezes estranhas, por vezes até bem nossas conhecidas.

**Conceção** Alice Neiva, Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo e Mateus Sarmento

**Desenhaduras e pinturenhos** **Pré-escolar**

Nesta visita vamos encontrar uma nova forma de estar na galeria e de observar as obras de arte. Já alguma vez pensaste em como será um desenho movimentado? E como será desenhar em movimento? Vem descobrir como podemos misturar o desenho e o movimento enquanto desvendamos as obras do artista José Loureiro.

**Conceção** Diana Ramalho, Joana Ratão e Susana Alves

**A dança do imprevisto** **Pré-escolar e 1.º ciclo**

Visita jogo que apresenta a exposição de José Loureiro através da expressão corporal.

**Conceção** Joana Ratão, Leonor Cabral e Yola Pinto

**Desenhos cruzados. Desenhos multiplicados** **1.º ciclo**

A repetição é igual à imitação? As linhas podem ter várias formas e direções? Entre tramas e padrões, José Loureiro cria infinitas variações. Vem descobrir como!

**Conceção** Alice Neiva, Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo e Mateus Sarmento

**Desenhos em movimento** **1.º ciclo**

Visita jogo que interliga o movimento corporal, a expressão plástica e a experiência de visitar e aprender dentro da exposição de José Loureiro.

**Conceção** Diana Ramalho, Joana Ratão e Susana Alves

**Linhas certas e ângulos arriscados** **2.º e 3.º ciclos**

Onde começa o erro e acaba o rigor? Em linhas cruzadas entre o olhar e o papel, vamos desvendar – camada a camada – o trabalho deste artista.

**Conceção** Alice Neiva, Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo e Mateus Sarmento

\* Solicite os nossos programas de divulgação, específicos para cada público.



**Mala pedagógica** Disponível em suporte digital logo após marcação de visita à exposição.

**Arqueologia do erro: novas relações para referentes habituais**  
2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário

Sabemos que reúnes todas as competências para usares o teu corpo e a tua mente. Assim, lançamos-te o desafio para vires experimentar esta nova forma de visitar a galeria em que unimos a expressão corporal à expressão plástica... matéria, corpo e movimento!

**Conceção** Diana Ramalho, Joana Ratão e Susana Alves

**“Errar, errar de novo, errar melhor.”**

2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário

De que modo o nosso corpo passa pelas obras de José Loureiro?

**Conceção** Joana Ratão, Leonor Cabral e Yola Pinto

**Erros planeados Ensino secundário**

O erro pode ser aproveitado? O que dá azo ao acaso? As pinturas provocam novas pinturas? Nesta visita vamos descobrir a importância dos acidentes e das decisões, quanto pesa uma memória e quanto espaço ocupa um gesto.

**Conceção** Alice Neiva, Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo e Mateus Sarmento

**Histórias embrulhadas Pré-escolar**

Que histórias têm os objetos para nos contar? De onde vêm e onde estão? Nesta visita imprevista vamos desembulhar ideias, e surpreender-nos com os misteriosos objetos!

**Conceção** Ana Nunes e Ana Teresa Magalhães

**Objetos mutantes 1.º e 2.º ciclos**

Quantas vidas tem um objeto? Tudo tem um princípio e um fim? Com todos os sentidos em alerta vamos conhecer os objetos utilizados pelo artista, desvendar as alterações por que passaram e qual o espaço que preenchem...!

**Conceção** Ana Nunes e Ana Teresa Magalhães

**Instantes congelados 3.º ciclo e ensino secundário**

Que sensação é esta que eu sinto quando olho para uma obra de arte? Na galeria as esculturas de Michael E. Smith parecem suspensas no tempo devido a transformações que ele provoca em objetos industriais. Que lugares são estes que o artista nos tenta revelar?

**Conceção** Ana Nunes e Ana Teresa Magalhães

**Como revolucionar uma visita guiada? Adultos e seniores**

Qual é a experiência de uma visita? Como revolucionar uma visita guiada? Como trazer para a visita a memória e experiência de vida do espectador?

**Conceção** Ana Gonçalves

**Michael E. Smith**

De 25 de fevereiro  
a 13 de maio

Galeria 1

Para mais informações  
ver páginas 62 e 63

**Katinka Bock**

De 25 de fevereiro  
a 13 de maio

Galeria 2

Para mais informações  
ver páginas 64 e 65

**Como revolucionar uma visita guiada? Adultos e seniores**  
Qual é a experiência de uma visita? Como revolucionar uma visita guiada? Como trazer para a visita a memória e experiência de vida do espectador?

**Conceção** Ana Teresa Magalhães

**Espécie de espaço?! Onde estou eu? Pré-escolar**

Vamos entrar em território desconhecido: numa galeria com obras de arte a explorar. E se fôssemos arqueólogos ou exploradores? E se ninguém estiver a ver?

**Conceção** Irina Raimundo, Joana Ratão e Leonor Cabral

**As árvores mexem e as perguntas crescem... 1.º e 2.º ciclos**  
Imagina esculturas que respiram, crescem e transformam-se. E se pudesses entrar na galeria e respirar com elas? Um percurso pela exposição em que és tu que escolhes como vais ver e o que mais queres saber!...

**Conceção** Irina Raimundo, Joana Ratão e Leonor Cabral

**Galeria sem nós 3.º ciclo e ensino secundário**

As obras descomplicam-se! Vamos desatar nós na galeria! Experimentar espécies de espaço criando espaço. Experimentar espécie de memória criando imaginário. E experimentar... experimentando!

Uma visita que trabalha a autonomia do pensar, experimentar e conversar em volta das obras de Katinka.

**Conceção** Irina Raimundo, Joana Ratão e Leonor Cabral



Naples Street, 2011 · Cortesia Meyer Riegger, Karlsruhe/Berlim · Fotografia: David Hanauer

**Como revolucionar uma visita guiada? Adultos e seniores**  
Qual é a experiência de uma visita? Como revolucionar uma visita guiada? Como trazer para a visita a memória e experiência de vida do espectador?

**Conceção** Ana Gonçalves

**Como revolucionar uma visita guiada? Adultos e seniores**  
Qual é a experiência de uma visita? Como revolucionar uma visita guiada? Conversa em torno da “invenção/imaginação” e dos objetos que povoam o espaço público. Existe a possibilidade de potenciar os objetos domesticados pelo homem?

**Conceção** Ana Teresa Magalhães

## Oficinas práticas relacionadas com a exposição

Inclui um percurso pela exposição · Duração aproximada: 2h00 · Marcação prévia · 2,50€

### José Loureiro

Até 22 de janeiro

Galerias 1 e 2

Para mais informações  
ver páginas 60 e 61

### Riscos e rabiscos, estranhezas e outros imprevistos

Pré-escolar e 1.º ciclo

Oficina prática de prolongamento criativo das experiências obtidas ao longo da visita à exposição de José Loureiro.

**Conceção** Irina Raimundo e Joana Ratão

### Erros planeados 2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário

Oficina prática de prolongamento criativo das experiências obtidas ao longo da visita à exposição de José Loureiro.

**Conceção** Irina Raimundo e Joana Ratão

### Os mediadores culturais durante esta temporada são:

Alice Neiva (artista plástica)

Ana Gonçalves (artes visuais)

Ana Nunes (teoria da arte, expressão dramática e filosofia)

Ana Teresa Magalhães (artes visuais)

André Castro (música e engenhocas)

Ângela Ribeiro (teatro de marionetas)

Bruno Marques (professor, historiador de arte e curador independente)

Diana Ramalho (gestão cultural)

Inês d’Espiney (artes visuais)

Irina Raimundo (artista plástica)

Isabel Gomes (produção e assistência)

Joana Barros (expressão dramática, teatro e movimento)

Joana João (estagiária)

Joana Ratão (artista plástica)

João de Brito (expressão dramática... ou teatro... ou movimento...)

Leonor Cabral (expressão dramática)

Mariana Lemos (movimento)

Pietra Fraga (artes plásticas e produção)

Raquel dos Santos Arada (coordenação)

Susana Alves (miscelânea de expressões)

Teresa Faria (expressão dramática/teatro)

Tiago Cadete (expressão dramática)

Tiago Ortis (movimento e expressão dramática)

Tiago Pereira (teatro, música e artes plásticas)

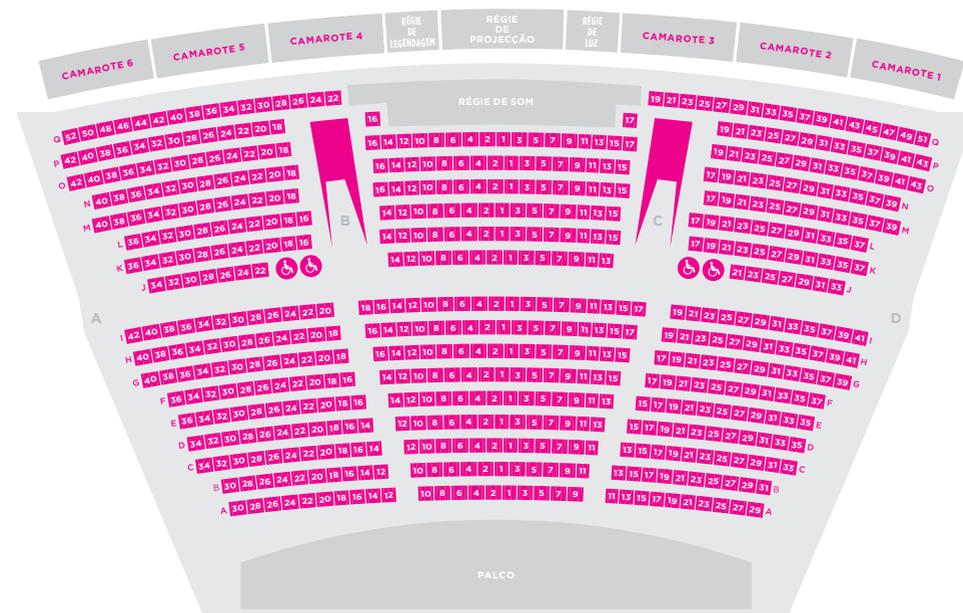
Vera Bello (filosofia)

Yola Pinto (movimento)

### Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · Fax: 21 848 39 03 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Horário de atendimento telefónico: das 10h30 às 12h30 e das 14h30 às 17h



Grande Auditório

## GALERIAS

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).  
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).  
Encerram à terça-feira.  
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

### Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

## BILHETEIRA

### Horários de funcionamento

#### Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.  
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.  
Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h às 19h.  
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

#### Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.  
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.  
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

#### Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

## ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

## DESCONTOS

### Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).  
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).  
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.  
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

### Espetáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold**, **Visabeira Exclusive**, **Caixa Woman**, **Caixa Drive** e **Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).  
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).  
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

**Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.  
Preço único sem descontos.**

**Os descontos não são acumuláveis.**

## LIVRARIA

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h.  
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.  
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.  
Telefone: 21 790 51 55

## CAFETARIA

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.  
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.  
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

## CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos  
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa  
Metro: Campo Pequeno  
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;  
Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;  
Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

## CULTURGEST PORTO - GALERIA

### Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h às 18h (última admissão às 17h45)  
Encerra aos domingos, feriados e nos períodos em que não há exposições.  
Edifício Caixa Geral de Depósitos  
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto  
Telefone: 22 209 81 16

## CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h  
Encerra aos fins de semana e feriados  
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa  
Telefone: 21 323 73 35  
[www.fidelidademundial.pt](http://www.fidelidademundial.pt)

## INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest  
**21 790 51 55**  
[culturgest.bilheteira@cgd.pt](mailto:culturgest.bilheteira@cgd.pt)

### Ticketline

Reservas e informações 1820 (24 horas)  
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e [www.ticketline.sapo.pt](http://www.ticketline.sapo.pt)

[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

### Acesso a deficientes

Áreas acessíveis a deficientes, por rampas ou elevadores: parque de estacionamento, bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a deficientes motores sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

As bilheteiras, as galerias e a livraria estarão encerradas no dia 1 de janeiro.

Informamos que, para economizar energia e por razões ambientais, deixou de estar disponível o estacionamento no edifício da Caixa Geral de Depósitos para os portadores de bilhetes para os espetáculos ou de convites para as inaugurações.

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

**Culturgest**

# ALUGUER DE ESPAÇOS NO CENTRO DA CIDADE

AUDITÓRIOS · SALAS · ASSISTÊNCIA TÉCNICA · HOSPEDEIRAS

Informações 21 790 54 54

[culturgest.ac@cgd.pt](mailto:culturgest.ac@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa

APOIOS



Fidelidade Mundial



Império Bonança

Apoio na divulgação:



## Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa  
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · [culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

Se quiser receber a programação da Culturgest  
telefone-nos, escreva-nos, envie um fax ou um e-mail  
para [culturgest.newsletter@cgd.pt](mailto:culturgest.newsletter@cgd.pt)

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

### GALERIAS

#### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h  
(última admissão às 18h30).  
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.  
Sábados, domingos e feriados, das 14h  
às 20h (última admissão às 19h30).  
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

#### Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

### BILHETEIRA

#### Horários de funcionamento

#### Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.  
Em dias de espetáculo das 14h até à hora  
de início do mesmo. Nos períodos em que não  
há exposições: de segunda a sexta-feira  
das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados  
das 14h às 20h.

#### Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.  
Encerra à terça-feira e nos períodos em  
que não há exposições patentes. Sábados,  
domingos e feriados das 14h às 20h.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se  
bilhetes para espetáculos e exposições.

#### Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas  
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser  
levantados até 48 horas antes do espetáculo.

### CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos  
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

### CULTURGEST PORTO - GALERIA

#### Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h  
às 18h (última admissão às 17h45)  
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.  
Edifício Caixa Geral de Depósitos  
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto  
Telefone: 22 209 81 16

### CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

#### Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h  
Encerra aos fins de semana e feriados.  
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa  
Telefone: 21 323 73 35  
[www.fidelidademundial.pt](http://www.fidelidademundial.pt)

### INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest

21 790 51 55

[culturgest.bilheteira@cgd.pt](mailto:culturgest.bilheteira@cgd.pt)

Ticketline Reservas e informações: 1820 (24h)

Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria  
Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa,  
C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac,  
Megarede, Worten e [www.ticketline.sapo.pt](http://www.ticketline.sapo.pt)

[culturgest@cgd.pt](mailto:culturgest@cgd.pt) · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

# Janeiro Fevereiro Março 2012

# CALENDÁRIO



**Culturgest**  
**uma casa do mundo**